

ANO III N.º 131
17
DE NOVEMBRO
1943
PREÇO AVULSO
E S C. 1 \$ 5 0

Oleto
10. NOV. 1998

SALVOS DA MORTE!

VER REPORTAGEM NAS PÁGINAS 8-9—DEI O MEU SANGUE 40 VEZES!



**VIDA
MUNDIAL**

ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

DA MINHA JANELA

ELAS nunca passavam antes das 6. Eu, àquela hora, lá estava à minha janela para os ver passar. As vezes, quando eles tardavam, quasi que me sentia ansioso da sua chegada. O hábito. Era como se fôssemos já amigos, tantas e tantas vezes nos víamos durante o ano. As 6, 6 e um quarto, lá vinham eles trocando os dois. O homenzinho atrás, o caõsito à frente. Ele sempre impecável, apesar da sua modestia, um casaco muito apertado das mangas talvez um pouco curtas, e o seu «coco» muito limpo, muito preto, como se a poeira e o tempo fugissem dele. O cão saltitando dum passeio para o outro, magro como o dono, limpo e «lavado» como o dono. Pareciam feitos um para o outro.

Apesar de nunca falarmos, o homenzinho tinha sempre um sorriso, quando passava, ao olhar-me. Ele sabia que eu esperava a sua passagem. Quando por acaso vinham um pouco atrasados, o seu olhar e o seu sorriso pareciam pedir-me desculpa do atraso. «Não foi por querer, o *Boby* encontrou um amigo... ficaram a conversar... Criações...»

E era sempre assim, tôdas as tardes. Só uma vez eles vieram muito tarde. Cansado de esperar já fechara a janela, quando os apercebi lá ao fundo da rua. Mas, o *Boby* vinha ao colo do homenzinho. Estava com certeza doente, pensei.

Quando passaram em frente da janela, o homem falava ao caõsito em voz alta como se fosse uma pessoa — «Para a outra vez atravessa a rua com mais cuidado... Você é maluco e depois tem que andar ao colo como as meninas pequenas...» Percebi. Aquilo era para mim, era a desculpa do atraso.

E, durante uns dias, passaram os dois juntos, o caõsito ao colo do homem, com uma pata entrapada.

Mas, aquilo passou e o *Boby* voltou a pular de passeio em passeio, naquelas corridas que faziam a alegria do homenzinho.

Uma tarde, aconteceu o inevitável: Uma camioneta, um guincho que nos fere os ouvidos, um grito humano e um corpiço cheio de sangue ficou no meio da rua. Desci as escadas a correr, nem sei com que idéa e corri para o homenzinho que com os olhos cheios de lágrimas tinha nos braços o corpo inerte e cheio de sangue do *Boby*. Olhou-me e teve só uma palavra — «Era uma criança...»

E lá foi, com o *Boby* morto nos braços, o *Boby* que era a sua alegria na vida, com certeza.

Dai por diante, quando às seis horas passava, vinha só e nem parecia o mesmo. As vezes parecia ter a visão da morte do seu *Boby* e olhava o «sítio»... os olhos abertos, como que à procura de qualquer coisa...

Ontem, tive uma surpresa. Vi-os de longe... Ao fim da rua, lá vinham eles os dois... os dois como dantes... Era ele, o homenzinho com o seu casaco apertado, o seu «coco» e o *Boby*... o *Boby*... Não era o *Boby* mas... parecia-se com ele na maneira de correr dum passeio para o outro, aos saltos de cabrito. E o homenzinho vinha e sorria e chamava-lhe *Boby*...

Só quando chegaram defronte da minha janela vi que não era o *Boby*. Era maior, um pouco mais alto e tinha uma orelha preta. O *Boby*, o verdadeiro, tinha as duas. Olhei o homem espantado.

Quando me viu e notou o meu olhar, baixou os olhos e pareceu-me que se encurvava um pouco como que envergonhado. «Coitado — pensei — Tudo passa...»

Mas, agora, às 6 horas, já não vou à janela esperá-los...

ROGÉRIO

IDILIO...



QUANDO LISBOA IA ÀS FESTAS DO CONDE DE FARROBO

FIZERAM fama em tôda a Europa, pela sua rara sumptuosidade, as festas organizadas pelo conde de Farrobo, no palácio das Laranjeiras. Tôda a sociedade elegante de Lisboa desse tempo por ali passou, em noites inolvidáveis de sonho, de fausto e de arte. Grandes valores na música compuseram para o teatro Farrobo, muitos dos quais expressamente convidados pelo próprio conde, como os maestros Cappella, Mercadante, Lodi e outros. E foi no palco das Laranjeiras que pela primeira vez se apresentou em público aquela que ia ser a primeira bailarina do Teatro de S. Carlos.

Oliveira Martins mais do que uma vez causticou, com o seu espírito crítico, o palácio das Laranjeiras. Todavia, príncipes e reis, diplomatas e nobres, artistas de todo o mundo assistiram às festas aí realizadas, festas que, em pompa, ultrapassaram a fama das de Versailles. Era aos sábados, geralmente, que se davam as récitas. O guarda roupa, sempre de bom gosto e de luxo, executavam-no os melhores costureiros. Garrett tinha a seu cargo o ensaio das peças; outras vezes eram ensaiadas pelo actor Isidoro que também as interpretava. E quando, nas rubricas, se indicava ser necessário quebrar uma jarra, quebrava-se mesmo uma jarra, mas de Sévres...

A mais sumptuosa de tôdas essas festas foi a de 26 de Fevereiro de 1843, oferecida a D. Maria II, a D. Fernando, à Imperatriz e à Infanta D. Ana.

As sete horas da noite, pela estrada das Laranjeiras já se via interminável fila de seges de aluguer e de carruagens particulares. A noite caíra fresca, céu encarvoado em pronúncios de chuva. Mas chovesse ou ventasse ou fosse lindo dia de sol, nenhum dos convidados ousaria perder uma festa que o conde de Farrobo oferecia.

As oito e meia, quando o palácio já se encontrava pleno de convidados, chegaram os reis. Os donos da casa, ministros e grandes do reino aguardavam, à porta do jardim, a entrada de Suas Majestades. D. Maria II vinha exuberante, sorrindo para todos os que lhe sorriam.

Formou-se luzidio cortejo. À frente, D. Maria II e D. Fernando; mais atrás, a Imperatriz e a Infanta D. Ana; a seguir, o conde de Farrobo e os poucos convidados que tiveram a honra de ir cumprimentar, pessoalmente, a família real.

Quando, no palácio fortemente iluminado pela luz do gás — a suprema maravilha desse tempo — surgiram Suas Majestades, as damas e os senhores curvaram-se até ao chão num cumprimento cerimonioso. Ao fundo, no estrado, a orquestra iniciava os acordes primeiros do Hino da Carta.

Pouco depois, foi servido o chá. O conde de Farrobo tirou, de enorme salva de prata que um criado segurava, uma chávena que ofereceu à Rainha. De seguida abriu-se o baile com uma quadrilha, dançando a Rainha com o Marquês da Fronteira e o rei com a Infanta D. Ana.

As galerias estavam cheias de senhoras, belas, elegantes, esplendorosas



nos seus vestidos com rendas de Inglaterra, guarnecidos de pérolas e de esmeraldas. Por tôda a parte, um cheiro inebriante e um doce frou-frou de seda. Grandes espelhos, de molduras douradas, reflectiam e multiplicavam os enormes salões do palácio.

O pano subiu. Silêncio. E os binóculos assestaram-se para seguir a apresentação da ópera cómica *O Duque de Alonne*, com D. Carlota O'Neill, conde de Farrobo e D. Maria Joaquina Quintela nos primeiros papeis.

Nos intervalos, que duravam uma hora, o baile recomençava. Em todos os olhos, em todos os rostos, havia alegria, felicidade.

E até às 6 horas, a animação não decrescia. Os convidados custaram a abandonar os salões do conde de Farrobo, onde se vivia uma atmosfera de arte e de beleza sem igual.

O "GRAXA" E O "SENHOR GRAXA"



DE caixa às costas, se me poiso certo, eles por ali andam Avenida acima, Avenida abaixo, atirando, a quem passa, um «quere engraxar, freguês?» que é um convite e uma esperança.

Nos seus rostos escaveirados e sujos apenas os olhos brilham para seguir o «grito» do polícia, não surja ele de repente e os leve para a esquadra.

Uma pequena lata de graixa, um frasco, uma escóva e um pano — eis tôda a ferramenta. O estabelecimento é imenso: quasi tôda a Avenida, desde o monumento aos Mortos da Grande Guerra, até à Rotunda. Conhecem-se todos uns aos outros, o «Parrinhass», o «Aleijado», o «Zé Limão», mas têm as suas leis. Leis duras que a luta bruta pela vida justifica. A Avenida foi dividida em placas e cada placa tem os seus engraxadores. Ai daquele que vier de novo ou for apanhado a procurar freguês para além da área marcada!

O seu nome é Américo Pereira dos Anjos mas, por ser magro, ossos a espetarem-lhe a pele, todos o conhecem pelo «Esqueleto». O pai morreu há dois anos, atropelado por uma camioneta mas, como ia bêbedo, a mãe não teve direito a qualquer pensão. Vivem os dois, mais um irmãozinho, menino ainda, lá para o Casal Ventoso, numa casa abarracada que o pai construiu com bocados de lata e de madeira.

Quando se lhe diz que vai ser entrevistado para a «Vida Mundial Ilustrada», descerra os lábios num meio sorriso de ironia.

— Naturalmente é mentira... Deixa que lhe tirem um «croquis»

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

Fizemos bem em criar esta secção. E a prova é que continuamos a chegar-nos muitas cartas e postais, uns anónimos outros assinados. Todos trazem um grito, uma reclamação para o nosso «Está de acordo com isto?...». Isto vem comprovar, o que não é novidade pela certa, que existem muitas e muitas coisas com que os nossos leitores não estão nem podiam estar de acordo.

Pena é que as não possamos publicar tôdas de uma só vez. E tão pequeno este cantinho! As naturais demoras que surgirem não quere dizer, necessariamente, que haja desinteresse da nossa parte. Pouco a pouco, e à vez, elas aparecerão. Basal um pouco de paciência. E é tudo.

De uma coisa, porém, avisamos os nossos amáveis correspondentes: nada de referências a casos especiais, isolados, apenas de interesse pessoal. Que importa saber, à massa dos nossos leitores, que o senhor X tem um vizinho que o desperta tôdas as noites pelo barulho que faz quando entra em casa, ou que o senhor Y apenas abre a telefonia para ouvir programa de fados?

«Está de acordo com isto?» deve ter um âmbito mais largo do que servir para questões pessoais ou para ataques mesquinhos onde a inveja predomina. Entendido? E agora vamos às cartas.

As donas das casas que possuem um quarto ou uma parte de casa para alugar recusam-se a admitir como hóspede uma senhora, simplesmente pelo facto de ter uma criança. Outras

ainda vão mais longe: não quere dar serventia de cozinha. E tudo porque, como existe carestia de habitações em conta, preferem alugar os quartos a um «cavalheiro só» ou «senhora empregada» que, raramente parando em casa, lhes dá muito menos trabalho.

R. SANTOS — R. da Palma, 23, 2.º.

Por que razão procuram os hospitais fazer negócio com os seus balnearios? Hoje, o preço de um banho tornou-se quasi proibitivo.

UM ESTUDANTE DE MEDICINA — R. Alves Correia, 15, 3.º.

Os cinemas — os de estreita principalmente — como não podem ou não quere prolongar o tempo de projecção e têm uma série de filmes publicitários para passar, resolveram, em prejuizo do público que paga o seu bilhete, substituir parte ou a quasi totalidade dos documentários por esses estufados e aborrecidos anúncios.

Eng. T. SANTOS — Rua das Praças, 29, 2.º.

As meninas de «Troncas», como têm muito que fazer, arranjaram uma resposta facil e cômoda quando se lhes pede uma ligação: «desligue que a chamada fica anotada. O pior é que se passam minutos e horas, às vezes dias, meses, a vida inteira sem que loquem para avisar que a chamada pedida já se pode fazer.

N. NOGUEIRA — R. Ferregial de Baixo, 31, 2.º.

Compreende-se que certos médicos dos hospitais, onde as consultas são para pobres e indigentes, passem receitas de especialidades, quando não aconselham três ou quatro meses de repouso completo aos doentes, sem atentar nas suas condições sociais?

A. RODRIGUES — R. Luz Soriano, 31.

As escadilhas da Calçada do Carmo continuam a ser grave perigo para quem é obrigado a servir-se delas.

R. A. T. — Largo Trindade Coelho, 9.

e sempre a espreitar o polícia, vai engraxando os sapatos do repórter. — Por que tens medo do polícia?

Pelo jeito que deu à hóca, a pergunta parece-lhe absurda. Mas responde:

— Porque não tenho licença... — e foi dizendo que a licença custa muito caro, que o negócio nem dá para comer.

Terminado o trabalho, não parece disposto a perder tempo em conversas inúteis com o repórter.

— Escuta! — preguntámos, punha ele a caixa às costas — O que gostavas tu de ser?

A expressão do garoto ganhou luminosidade. Os lábios sorriam como se estivesse a ver um brinquedo de encantar.

Se eu tivesse uma engraxadoria num vão de escada!...

Passou os dedos pelo nariz. Olhos súbitamente apagados, voz sem esperança, acrescentou:

— Mas isso sim... — e, triste, abalou, gíngando o corpo.

O desejo do «graxa» deu seguimento à reportagem-relâmpago. Porque não entrevistar, agora, um «senhor graxa»?

Entrámos na primeira engraxadoria. O dono, palpitávamos, devia ser aquêle homem do fundo, o último da fila. A nossa pergunta, tirou, detrás da orelha, a ponta de cigarro, e respondeu:

— Sim senhor. Estou aqui estabelecido vai fazer cinco anos.

E, sem esforço, pôs-se a contar bocados da sua vida. Viera do Norte, ainda garoto, recomendado a um primo do pai, tão pobre como ele. Em Lisboa procurou emprego e, como nada conseguisse, o primo passou a zangar-se, a bater-lhe, «és um mardraço!», dizia-lhe. «Se não arranjas trabalho é porque não queres!». Ele ficava calado, muito murcho, sem uma lágrima para chorar.

Um dia acordou com aquela idéa. Fugiria de casa. E fugiu. O «Manuelinho do Arco» arranjou-lhe uma

caixa e começou a trabalhar na Avenida. «Quere engraxar, freguês?». Depois... Depois foi crescendo, entrou para um vão de escada. De quasi tudo se privava para fazer umas economiazinhas. Em casa ainda consertava o calçado de tôda a vizinhança. E assim foi. De salto em salto, conseguiu vir a ser dono daquela engraxadoria.

— Está contente? — preguntámos. — Estou. Mas tenho pena de ter deixado a terra... Nem vi o meu pai morrer... A minha mãe está comigo. Mandei-a vir...

Sémos. A vida daquele homem era uma lição de perseverança. E lembrámo-nos do Américo. Se ele ler esta reportagem, talvez se lhe robusteça a esperança de chegar a dono de uma engraxadoria, deixando de ser o «graxa» para vir a ser o «senhor graxa» dos seus sonhos...

REPÓRTER UM



5 MANEIRAS DE LER O JORNAL...



ESTES cinco instantâneos provam que não é só no fofo de um divã ou estirado num «maple», com o cachorro felpudo aos pés, que o leitor pode devorar as notícias que lhe agradam. Na época em que vivemos, em que quasi não há tempo para respirar, tôdas as posições nos parecem boas...

SOLUÇÕES LOCAIS

A invasão de alguns países europeus levou os seus governos para o exílio. Em certos casos, a muitos terá parecido que seria de uma significação pouco mais que simbólica a presença, em Londres, de «Comités» de variadíssimas nacionalidades, a que continuava a atribuir-se categoria de governo, embora não tivessem território sobre que exercer a sua autoridade. Era o fio da continuidade jurídica que os prendia. Mas, em boa verdade, não era apenas de simbolismo que se tratava. No caso da Bélgica, por exemplo, o território metropolitano foi ocupado, mas o prolongamento colonial foi, para a causa dos Aliados, simultaneamente, fonte de matérias primas, reservatório de homens e base de operações. Isto quer dizer mais alguma coisa do que simples simbolismo de presença, pois trouxe consigo um concurso que, pelo tempo fora, se revelou particularmente precioso.

Entretanto, o prolongamento da guerra, as circunstâncias em que esse prolongamento se verificou, a inevitável transformação que passou a assinalar o rumo das operações — tudo isso fez acender, entre as populações dos países ocupados, o germe da rebelião contra o ocupante. Foi assim que, à margem das frentes de batalha oficiais, surgiram, a pouco e pouco, focos interiores de resistência que imobilizaram importantes núcleos de forças alemãs. Estes focos de resistência, a breve trecho, tomaram carácter nítido de batalha formal, com corpos organizados, quartéis gerais e comunicados de guerra. O caso da Jugoslávia é típico. O mais inesperado, porém, foi a revelação últimamente feita de que esses núcleos de resistência organizada nem sempre

procediam em inteira harmonia com os pontos de vista expressos pelos respectivos «Comités» nacionais, que, com título governativo, ainda permanecem em Londres.

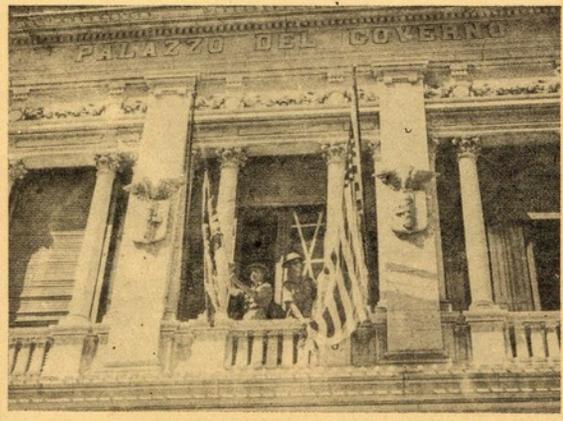
Um jornal inglês de reconhecida autoridade, «The Observer», comentava, recentemente, esta situação em termos que traduzem um ponto de vista que, a avaliar pelas suas exteriorizações, começa a tomar corpo no pensamento dos que conduzem a guerra por parte das Nações Unidas. O artigo em que surgia esse comentário trazia o título «Povos e governos». Estas duas palavras, pelas idéias a que correspondem, sempre carecem de uma significação em que se verifique um sincronismo e até juxtaposição de concepções, sentimentos, ideais e objectivos. A partir do momento em que elas não traduzam uma unidade mas, antes, um dilema, o quadro das complicações e das dificuldades está traçado pela sua própria natureza. O problema, portanto, nos termos, aliás, em que se propunha no «Observer», é este: após a guerra, qual o governo, qual o regime a estabelecer nos países que têm estado sujeitos ao regime de ocupação? Os que têm alimentado a resistência, sofrendo pelo destino da sua pátria toda a sorte de riscos e de sofrimentos, não podem, em boa verdade, ser esquecidos. O caso da Itália, pelas circunstâncias em que se deu, é um caso aparte. Mas o que já se passou e o que se está a passar não deixa de constituir, desde já, uma lição, um exemplo e até uma advertência de que não há, para estes problemas, soluções geométricas. Cada caso terá de ser resolvido consoante o péso das próprias circunstâncias locais.

J. R. S.

ITALIA

PAPELINHOS NAS JANELAS

ESTA foto serve para fazer calar os que sabem tudo e dizem que lá fora já não se usa pôr tiras ou papel a proteger os vidros das janelas... Aqui vemos os vidros do palácio do Governo, em Regio Calabria, com as suas vidraças cobertas de tiras cruzadas. É no momento em que, após o desembarque e ocupação da cidade pelas tropas aliadas, se procede à cerimónia de huster as bandeiras inglesa e americana.



INGLATERRA

A NOVA ESPOSA DO MARECHAL TEDDER



Todos se lembram de um telegrama há tempos publicado nos diários: o marechal do ar, «sir» Arthur Tedder, de 53 anos, comandante supremo da aviação aliada no

Mediterrâneo, acabava de se casar pela segunda vez, no Norte de África. A primeira esposa morreria num desastre de aviação, em Janeiro do ano corrente, quando regressava de uma visita ao hospital da R. A. F., em Benghazi.

Quem é, pois, a nova senhora Arthur Tedder?

Ei-la, no seu uniforme de «sargento» do Exército Auxiliar Feminino. Chama-se Mary Black, tem 35 anos, é divorciada e, durante os bombardeamentos a Londres, trabalhou como «chauffeur» de uma ambulância. Agora está no Norte de África — já lá estava havia um ano, quando casou — onde também serve no Exército Auxiliar Feminino.

JAPÃO

OS RAIOS CÓSMICOS JÁ PODEM SER FOTOGRAFADOS?

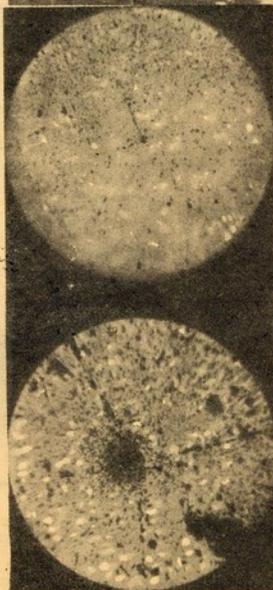
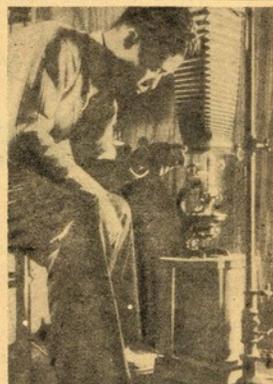
APESAR de entregues às lutas sangrentas por campos de batalha, os japoneses não descuram os estudos científicos e acabam de nos dar uma autêntica revelação: os raios cósmicos já podem ser fotografados.

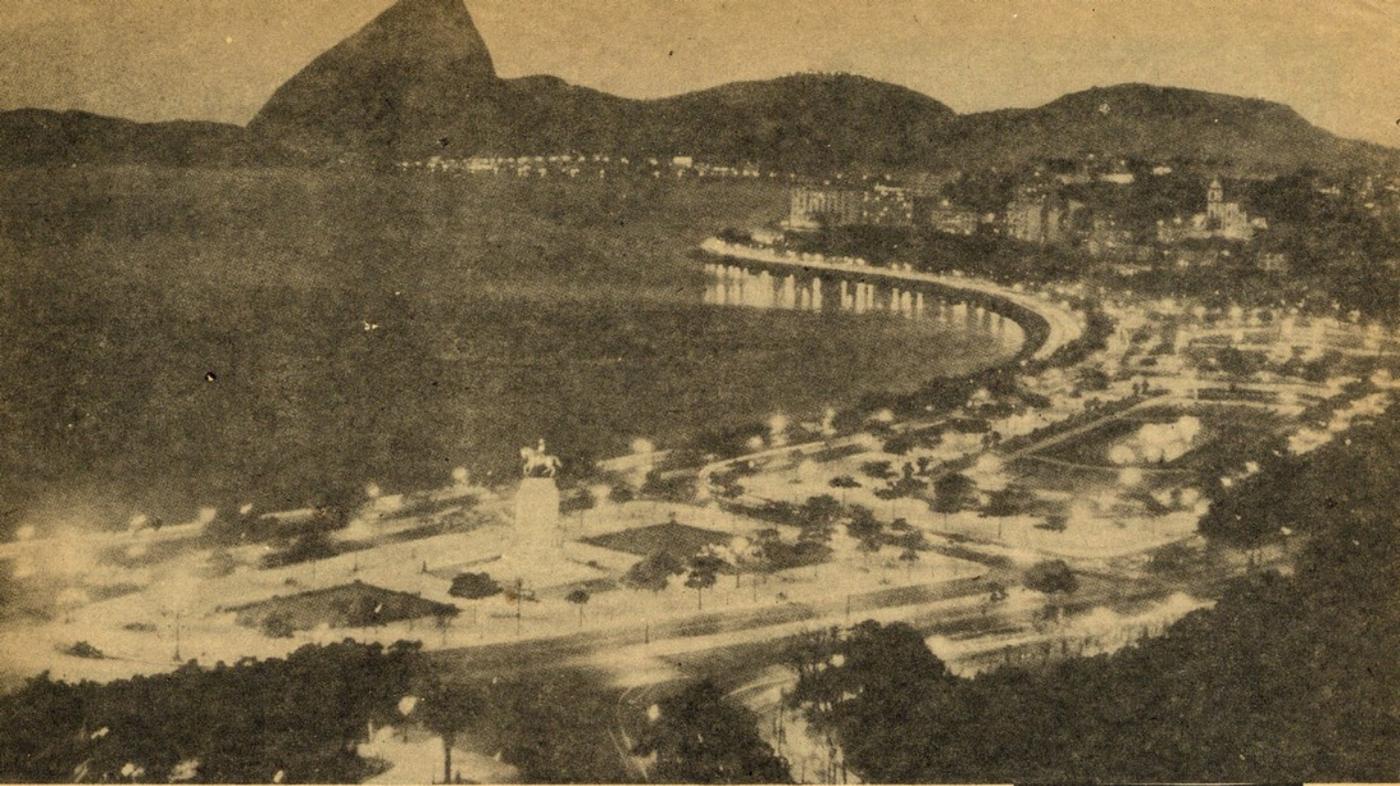
De facto, esses raios que bombardeiam constantemente o nosso planeta conseguiram ser fixados na chapa fotográfica, o que constitui auxílio enorme aos cientistas de todo o mundo.

Paradoxos da hora presente. Nações e povos, por um lado, digladiam-se ferozmente, cavando a ruína da humanidade, enquanto, por outro lado, se auxiliam numa cruzada de melhorar o futuro do mundo.

Para fotografar os raios cósmicos, os japoneses utilizam uma placa ultrasensível, na qual a camada receptiva é mais espessa do que nas placas ordinárias. Esta placa é colocada entre duas camadas, de parafina, que aumentam o efeito das radiações. Tudo é embalado em papel parafinado e, depois, em papel negro.

Presentemente, presta-se grande atenção a estes estudos, nos círculos científicos do Japão, e espera-se que, em breve, entrem numa fase decisiva.





BRASIL

ASSIM NASCEU UMA REPUBLICA...

FOI precisamente há cinquenta e quatro anos, no dia 15 de Novembro de 1889.

Na véspera à noite, a efervescência dos ânimos, no Rio de Janeiro, sobretudo, chegara ao auge. Vinha de longe a cautelosa preparação para essa nova revolta que havia de dar a ambicionada república ao Brasil. Era necessário que, agora, o movimento triunfasse. As questões militares, os desmandos dos elementos afectos à monarquia, as divergências de idéias e de sentimentos — encaminhavam-se para um passo decisivo. Corria pela capital, à laia de profecia, a resposta que Cotegipe, antigo presidente do Conselho, dera à princesa Isabel, quando esta lhe perguntara se a vitória da monarquia não fora conquistada com a lei áurea: «Vossa Alteza ganhou uma partida mas perdeu um trono»...

E as palavras de Cotegipe repetiam-se de subúrbio em subúrbio, com um sorriso de ironia e um olhar de febril esperança.

Assim, a noite de 14 de Novembro foi vivida, sob uma atmosfera intensa de ansiosa expectativa. O movimento revolucionário, agora, era mais forte do que nunca, muito superior a qualquer dos antecedentes. Ficavam como exemplos de valentia e de sacrificio os fracassos heróicos da sabinada da Baía, dos Farrapos, da tentativa temerária do Páteo do Paraito, da Inconfidência Baiana e, muito mais longe, o primeiro brado pela República dado em Olinda, no Senado da Câmara, por Bernardo Vieira de Melo, herói de campanhas e de lutas.

Ocorrera isto em 1710. Já lá iam cento e setenta e nove anos. Mas nessa noite, o gesto de Vieira de Melo era recordado com carinho. Ele deitara à terra a primeira semente. E já que a semente germinava, não se esqueciam dele.

Nos quartéis, nos navios, nas próprias casas particulares, esperava-se apenas um sinal. A Revolução não podia demorar mais. O incêndio subiu ao rubro. Bastaria um sinal e tudo se decidiria.

E esse sinal surge, na manhã seguinte. Deodoro, o ídolo do exército, sai de casa, onde se recolhera, algum tempo, combalido e adoentado, toma o comando das tropas revolucionárias e marcha a caminho do Quartel General.

Consta imediatamente que o visconde de Ouro Preto, Presidente do Conselho, dera ordens terminantes para que o movimento fôsse sufocado, custasse o que custasse. Assim, a 1.ª Brigada avança ao encontro dos adversários, comandada pelo general

Almeida Barrêto e com a missão de impedir a passagem às tropas de Deodoro.

Mas uma surpresa colhe os melos realistas. O general Almeida Barrêto aderira precisamente na véspera ao novo ideal que fazia vibrar o povo brasileiro. E, portanto, ele juntou as suas forças às forças republicanas.

Golpe tremendo, que se reflectiu por toda a capital brasileira. Não havia mais dúvidas de que a Revolução triunfaria.

Os ministros monárquicos reünem-se ainda. Não querem entregar-se, assim, sem uma opposição rígida. O visconde de Ouro Preto quer manter a autoridade. Distribui ordens, para todos os lados, mas ninguém as executa. Finsimmente, ele manda que

Floriano tome e destrua os canhões rebeldes, repetindo os gestos de heróicidade de que dera provas nas lutas do Paraguai. Mas Floriano diz terminantemente que não. Da outra vez, batera-se contra inimigos, conquistando as baterias de baioneta na mão. Mas, agora, não havia inimigos, havia irmãos com um ideal diferente.

Acabara-se. De repente as aclamações populares envolveram como labaredas vivas as portas do Quartel General e Deodoro, sózinho, sereno, trazendo na farda a poeira da glória, arrancada em batalhas rudes — avança, entre filas de soldados comovidos e entusiasmados. Não há um único gesto de opposição. Todos se entregam ao triunfo da revolução. E diante da declaração formal de Deodoro, declarando deposto o Ministério e preso o Presidente do Conselho — o visconde de Ouro Preto entrega-se, arrogante, mas convencido.

O Império Brasileiro terminava os seus dias. Nos horizontes, punha-se um sol, já fraco e frouxo, e nascia um novo sol, vibrante. Nascia a República!

Deodoro, vem à janela e recebe as aclamações infindas da multidão. Os soldados e o povo misturam-se na mesma alegria de vitória, no mesmo contentamento de satisfação. Altivo mas sensibilizado, Deodoro acena com o chapéu, respondendo às saudações.

Por todo o Brasil — a notícia corre, na vertigem do relâmpago que deslumbra.

No dia 15 de Novembro de 1889 — nascia, no mundo, mais uma República: o Brasil entrava por novo caminho, mais amplo, mais seguro, mais forte. Foi há cinquenta e quatro anos. Cinquenta e quatro anos em que o Brasil se tem erguido como grande nação, como país que já encontrou o seu rumo. Um rumo de ordem e progresso!

A FAMÍLIA DO PRESIDENTE



Nesta curiosa fotografia vê-se o pai do Presidente Getúlio, o general Manuel do Nascimento Vargas, há pouco falecido. Do outro lado do Chefe de Estado brasileiro, vê-se sua mãe, também já falecida. No segundo plano, os quatro irmãos de Vargas, Viriato, Protaísio, Spariaco e Benjamim.

A REVISTA

O espectáculo teatral mais popular de Lisboa é a revista. Há quem diga que é o circo — mas, rigorosamente, o circo não pode integrar-se nos géneros teatrais. Teatralmente, a revista, com o seu nariz gaíato e a sua perna à mostra, venceu, entre nós, a tragédia, o drama, a comédia, a ópereta e até — calculem! — a mágica. A pera de Satanaz que tinha resistido a tudo — mesmo à calúnia e à crítica — não resistiu ao «*ped-de-nez*» da revista do ano. Durante muitas épocas, a revista deu cartas. Dizia João Chagas que, no período áureo do constitucionalismo, a revista do ano foi a obra de crítica por excelência, divulgou a sociedade portuguesa, teve um simbolismo próprio, possuiu uma linguagem característica e exerceu uma indiscutível influência no espírito público. Na verdade, a revista contava tudo, dizia tudo, punha tudo em pratos limpos — desde o Chiado a São Bento, desde o Terreiro do Paço ao Paço das Necessidades. Muitas vezes foi sangrenta, — mas muitas outras foi salutar. Anos passaram; acontecimentos e circunstâncias fizeram-na desviar do seu tradicional rumo; diminuiu-se a pimenta e carregou-se no açúcar; substituiu-se, em grande parte, a observação pela fantasia — e o espectáculo transformou-se numa série, mais ou menos branca de quadros e de números que o «*compère*» e o seu «*partenaire*» vão apresentando e comentando. Mas se a revista mudou muito sob alguns aspectos, o público continua a ter por ela uma espécie de paixão assolapada. Em regra, o que os autores lhe oferecem já é *in vivo*; a maior parte dos números, dos ditos e das anedotas já não tem segredos para elle; todo aquêl «*chá de Tolentino*» já elle o tomou, muitas vezes, em Sèvres ou em Sacavém e, apesar de tudo, o teatro de revista atrai, alvoroça — e chega a enternecer. Quando não há em Lisboa, como já tem acontecido, nenhuma revista em cena — há pessoas que andam de luto.



RAMADA CURTO

Ramada Curto — não sei se sabem — coleciona pombos. A janela do seu escritório deita mesmo para um viveiro. Se algum título nobiliárquico Ramada pretendesse — esse título seria o de Marquês do Pombal. Entre os seus pombos — alguns de alta linhagem — há pombos correios. Não sei se sabem também que Ramada tem uma quinta perto do Cartaxo — uma quinta virgiliana com a sua horta e a sua vinha. Quando o autor da *Recompensa* precisa dum recado urgente para o caseiro da quinta, escreve o recado num papelinho, ata o papelinho à perna dum pombo correio — e o pombo aí vai, ligeiro e airoso, cortando o céu, com as ordens de Ramada. Só uma vez um pombo, tendo encontrado de certo uma pomba no caminho, se desviou da sua missão. Era um pombo mariola.



ALBERTO BARBOSA

Uma tarde destas, entrou numa pastelaria da Avenida, um homem de cinquenta e poucos, cara rochunchuda, nariz pequenino e audacioso, óculos, gabardine e charuto. Era o comediógrafo e revisteiro Alberto Barbosa, autêntica raposa do teatro para quem o teatro não tem segredos. Sentou-se a uma mesa e pediu um chá de tília. Veiu o chá, vieram dois ou três amigos, veiu à baila o teatro.

— Então de teatro que tal, amigo Alberto Barbosa? — preguntamos-lhe a certa altura.

Logo elle, apontando a chávena: — Que tal, não, meu amigo... Que tília, que tília!



TEIXEIRA DIREITO

Acaba de fundar-se, em Lisboa, a *Liga dos Freqüentadores da Porta da Livraria Portuguesa*: a L. F. P. L. P. Muito há a esperar da útil e activa instituição, que vai ter como presidente o Dr. Teixeira Direito — o mais integérrimo *habitué* da sublime porta. Entre o programa, aliás vasto, da nova *Liga*, inclui-se este gentil propósito: a cada rapariga bonita que passe, das seis às sete, pela porta da livraria, será oferecida, com um ramo de flores, um exemplar da *Cartilha Maternal*. Tocante iniciativa!



VEVA DE LIMA

Afirmam-nos que Veva de Lima está escrevendo as suas memórias. Não sabemos se isto será assim ou se estamos em presença dum boato. Mas se for só boato — é pena. As memórias de Veva de Lima deviam ter, na verdade, um justificado interesse. Se as memórias contadas pelos homens se revestem, muitas vezes, de particular curiosidade, as memórias contadas pelas mulheres, sobretudo, tratando-se de mulheres inteligentes, constituem um *hors-d'oeuvre* histórico delicioso. Cá ficamos esperando o seu livro, illustre prima... Veva.



SORRISOS

FLORES DE OUTONO

O crisantemo e a violeta são as flores do outono. Mas, enquanto o crisantemo é uma flor alta e orgulhosa, a violeta é pequenina e simples. A violeta sobra, porém, uma qualidade que falta ao crisantemo: o perfume — que é a alma das flores. O crisantemo dir-se-ia, como flor, uma linda mulher — que não tem alma.

GEOGRAFIA

UM dos nossos principais órgãos da imprensa incluía recentemente Odemira no concelho de Beja. Confessamos que ficámos *odemirados*!

MULHERES E TOIROS

DUAS farfalhudas espanholas, dextas e ousadas, surgiram agora, entre nós, como *bândarilheiras*. Não sabemos que noção possuem os toiros da galanteria, mas é possível que eles saibam que numa mulher não se marra, nem com uma flor — como diria o velho Seabra das anedotas.

A FEIRA DE PALHAVÁ

SEGUNDO nos afirmam, a feira de Palhavá rendeu ao *Século*, para a sua Colónia Balnear, uns tantos milhares de escudos. Quere dizer: a feira não foi, positivamente, palha... vã.

O AMIGO ZÉ MARIA



ZÉ Maria Vilbena Barbosa de Magalhães! Cinco nomes — trinta e duas letras. Há nomes maiores do que as pessoas que os usam. Este não. Corresponde — temos de reconhecê-lo — ao homem que assim se chama. Professor, advogado, deputado, ministro, escritor jorense, a sua actividade tem-se multiplicado por vários campos, sem uma sombra de hesitação ou de fadiga. Barbosa de Magalhães cremos nós que foi um dos poucos homens que nasceu com barbas — e monóculo. Um belo dia, porém, reconheceu que as barbas impediam, de certo modo, a sua actividade fulgurante — e rapou-as. O monóculo esse ficou. Há quem diga que os homens de monóculo são sempre, pelo menos politicamente, parciais — porque só vêem as coisas por um lado. Não sabemos. O que sabemos é que, em Barbosa de Magalhães, o monóculo é um símbolo dum espirito brilhante — e a expressão duma alma transparente. Quem escreve estas linhas teve esse monóculo como professor de Direito. Se o discípulo saiu obscuro — a culpa não coube ao faiscante *ucaco* de Zé Maria!

COCKTAIL

AS MULHERES VIVEM MAIS DO QUE OS HOMENS?

Nós, os homens, seremos sempre uns infelizes...

Diz S. B. Garb, um sábio inglês muito dado a estudos estatísticos — *As mulheres vivem mais do que os homens; a mulher, a fraca, a sensível, a frágil, sujeita a tôdas as espécies de distúrbios próprios do seu sexo, vive geralmente mais do que o homem.*

Durante 22 anos, relata S. B. Garb, morreram aproximadamente na Inglaterra 9.000 pessoas, homens e mulheres que ultrapassaram a idade de 90

anos. A maioria dessas pessoas eram mulheres. Só num ano, na Inglaterra, morreram 515 pessoas com mais de 90 anos. Sabem quantas mulheres?... — 345!

Aliás, estatísticas norte-americanas indicaram já há anos que a idade média do homem é de 55 anos, enquanto a da mulher é de 57!

Depois das afirmações destas estatísticas, nada mais se pode dizer... com excepção disto: a mulher de S. B. Garb morreu antes d'ele. Coitado...

Este «gentleman» é guarda-nocturno!

NÃO parece, mas é! Por amor de Deus, então este senhor tão «chic» tão «smar», tão agradável... n'ê Larrigudo, é guarda-nocturno?... E o chapéu alto?... Foi engano?... É d'ele?...

É tudo visão segura, é um guarda-nocturno inglês no exercício das suas funções.

Ao vermos assim o guarda-nocturno da velha Inglaterra, ficamos com inveja, nós, que estamos habitados aos nossos... com aquê «kèpi» sempre amachucado, aquê sobretudo pingão, os bigodes... e aquê ar amável com que acorrem às nossas chamadas.

Nós, na Inglaterra com certeza que não ousamos chamar um tão lindo guarda-nocturno...



O MUNDO JÁ NÃO ACABA EM 1943?

QUANTAS vezes já se tem previsto e anunciado o fim do mundo? Não se sabe, mas isto já sucedeu inúmeras vezes. E, contudo, o nosso planeta continua a rodar e parece que não «liga» às predições mais ou menos más dos profetas de ocasião.

Há mesmo um senhor no Illinois (América), que se chama Wilbur Voliva, e que predisse o fim do mundo para 1923, para 1927, para 1930 e 35, e... como o facto se não realizasse, resolveu que era este ano, o ano de 1943, o do fim da era... Também se não acertar não importa, pode ser que seja para o ano que vem...

Contudo, há na sua profecia uma certa originalidade. Segundo a sua «visão» a Terra não acabará pelo enxôfre e pelo fogo — como aconteceu a Sodoma e Gomorrha — mas irá apodrecendo, rapidamente, pelo efeito da moral gerada pela moderna educação... O senhor Wilbur sempre tem cada uma...

A propósito, há alguns anos, pensou-se que o dia de juízo final seria o ano 1936. A predição fundava-se nas medidas das galerias da Grande Pirâmide do Egipto. O cálculo foi feito, contando-se cada ano por uma polegada, a partir da data da pirâmide. Também pelo mesmo cálculo foi predita a Grande Guerra, mas... depois dela acabada... Era mais fácil.

O ano de 1936, segundo se dizia, seria o «Milénio» — nome que vinha dum seita religiosa cujos fundadores haviam predito o fim do mundo para o ano 1.000! E parece que se enganaram...

No Oriente o fim do mundo foi também várias vezes predito...

Dizem os hindús que o fim do mundo será no ano 4.320.000. Será uma desilusão para êles, se antes se realizar a profecia dos persas, pois êstes predizem o fim do mundo para o ano 3.000.000. Um caudal de fogo será sempre a causa da indizível catástrofe!

Das predições dos videntes místicos sômente quatro — a dos persas, a dos hebreus, a dos cristãos e a dos mahometanos — fazem seguir a catástrofe final de uma nova criação. Os índios Choctaw, na América, e os esquimós, no Polo Norte, crêem no fim do mundo por um outro dilúvio, do qual, segundo a hipótese concebida pelos primeiros, algumas criaturas sobreviverão, como foi o caso de Noé e os que com êle se encontravam.

Estamos em Novembro de 1943... Até agora, tôdas as profecias feitas ficaram por realizar-se, e temos fé que desta vez ainda... 1943 e muitos anos ainda passarão sem o fim do mundo. A não ser aquê que existe para cada um de nós... quando chegar a velhice...

UM BAILARINO COXO!



Ao olhar estas imagens, fica-se a pensar se são imagens reais ou se é fantasia... Nada disso. É real. Jack Joyce é inglês, tem só uma perna e dança... com am esma facilidade que você e nós dançamos. Jack perdeu uma perna quando aos 10 anos participou num concurso hipico.

Na Feira Mundial de 1939, em Nova York, Jack dançou com 30.000 raparigas!

As nossas fotos mostram-no dançando com a sua «partenaire» Charmaine Ross, exibindo-se com «swings» num dos seus números de «music-halls». Jack exhibe-se muitas vezes ao lado de Fred Astaire e Ginger Rogers.

Além de dançar, Jack joga o «polo», nada magnificamente e, diz êle próprio: as pessoas que têm duas pernas devem sentir-se restrictas nos seus movimentos...

Joyce é o testemunho vivo da sua teorial... É ou não extraordinário?...



SALVOS DA MORTE!

DEI O MEU SANGUE 40 VEZES!

Uma reportagem de Manuel Martinho—Fotos de Serôdio

SERVIÇO DE TRANSFUSÃO DE SANGUE

Este é o distico que indica ao dador a sala onde será sujeito a um melindroso exame pelos clinicos

No estreito leito do hospital, branco e frio, no silêncio pesado da enfermaria, a doente parece dormir. Veio a enfermeira, lentamente, aconchegar-lhe a roupa. É uma mulher pálida, de olhos brilhantes, que entrou nessa noite, a esvaír-se em sangue. Os médicos torceram o nariz, desanimados. Lá fora, no átrio, numa angústia atrás, ficou o marido e dois filhos, duas endiabradas crianças de caracóis louros que baixinho chamam pela mãe.

—A mãe já vem—diz o pai, escondendo uma lágrima.

Mas o fiscal, acostumado àquelas cenas, avisa que a doente tem que ficar internada. O homem sente o coração bater-lhe com força. Ali vai ficar sua mulher, longe dos filhos, debatendo-se numa agonia. As crianças pressentem

A transfusão de sangue conservado

e choram numa lamúria: a mãe, quero a mãe!

Saem do hospital. Cá fora, há um frio cortante, gélido. O céu parece de chumbo—só o hospital escancarado tem luz brilhante nas vidraças. A campainha de alarme, sóa, lugubrememente. Os enfermeiros acordam estremunhados. A doente da cama n.º 6 está em perigo. Tem a respiração agitada—e um rubor sanguíneo sobe-lhe às faces de cera. Chamam o médico da enfermaria.

Toma-lhe o pulso. Vê a respiração—e, imediatamente, dá uma ordem: é preciso urgentemente, uma transfusão de sangue. Do P. B. X. do hospital sai um S. O. S., afilivo. O telefone retine, agudamente.

—«É do Quartel dos Bombeiros? está o dador n.º tal? Está? donde fala?»

—Precisa-se de sangue para uma doente que está a morrer...

Por sobre a cidade adormecida o telefone vai procurar o salvador.

E ele aparece...

JÁ SALVEI TRINTA VIDAS!

Um automóvel pára, vertiginoso, à porta do hospital. É um «táxi» de praça—um obscuro «Citroën» de aluguer. Não leva passageiros—ao contrário de tantos automóveis que, continuamente, num corropio, levam ao banco moribundos e feridos. Mas o motorista sai de lá. É um homem forte, espadaúdo, com os ares sadios do campo.

Entra no corredor. O porteiro sorri.

—Temos coisa, ó «Chico»? pergunta-lhe familiarmente.

—É verdade! Mais uma vez! Tenho sangue para toda a gente...

E seguiu a sorrir. Nos serviços de transfusões já o esperavam. Despiu o casaco—um casaco modesto, de trabalhador, já com um remendo na manga.

Sentou-se. Chalaceou com as enfermeiras. E, daí a pouco, chegou o senhor doutor.

O braço forte e cabeludo já estava descoberto. A seringa entrou apressada naquela carne rija—e o sangue rúbido e denso depressa encheu o reservatório.

Depois o médico, a sorrir, agradeceu.

Ele encolheu os ombros como se tivesse feito a coisa mais natural deste mundo.

Pôs na cabeça o boné de pala. A sua vida era encontrar fregueses, sempre com o motor a trabalhar.

E nós alugámos, discretamente, o seu «Citroën» livre.

—Veio ao hospital trazer algum ferido? —preguntámos-lhe.

—Não senhor! Vim dar sangue.

—Ah! é dador!

—Há uns poucos de anos. Já o dei quarenta vezes!

—E não fica combalido?

—Não senhor! Sinto até maior energia, mais apêgo ao trabalho.

—Já alguma vez pensou na generosidade do seu gesto?

—Não me interessa. Eu dou o sangue porque alguém precisa dele. Nós devemos saber que somos irmãos neste sofrimento. Olhe: o ano passado foi preciso dar sangue. Do hospital chamaram por dadores. Infelizmente, àquela hora, nenhum se encontrou com facilidade. Eu andava em serviço—tinha ido ao Estoril levar uns fregueses quando, ao chegar à praça, os meus colegas me disseram que tinham telefonado à minha procura. Não quis ouvir mais nada. Acelerei fundo—e dentro em pouco o carro estacava à porta

do hospital. O meu braço foi sangrado. O meu sangue quente foi animar um moribundo. Sabe quem era? O meu antigo patrão que por uma quizilia sem importância me mandara embora, ao fim de dez anos de serviço, esquecendo-se de que tenho mulher e filhos a manter.

SALVOU-SE UM MORIBUNDO!

A doente da cama 6, depois da transfusão, animou-se. Dir-se-ia que a vida, que o calor do sangue que lhe insuflaram veio dar luz aos seus olhos mortuários.

—Os meus filhos!—pediu num alvoroço. A enfermeira sorriu. Fêz-lhe sinal para que não falasse. Estava fraca, exangue, precisava de descanso. Ela olhou com os olhos velados de lágrimas aquela imagem dedicada que durante a noite lhe ficava à cabeceira, vigiando-lhe o sono. Achou-a bondosa e terna. Talvez que fôsse mãe—que tivesse filhos, crianças amimadas que lhe pediam beijos. A enfermeira era uma pomba branca, naquela angustiosa paisagem de dóres e de martírios. E, na outra manhã, quando o senhor doutor chegou, teve palavras de conforto. Ela melhorava—daí a duas semanas poderia sair, ir para casa, aconchegar os filhos ao peito terno. Dois dias depois, mais reanimada, a enfermeira veio-lhe dizer que o senhor doutor a deixava levantar. Foi um contentamento. Os seus passos hesitantes, à hora da visita, levaram-na ansiosa para a janela.

Cá fora, no pátio, os criancosos brancos estavam lindos, banhados de luz.

O sol faiscava, brilhante e doce, num cântico à vida. E o seu coração bateu apressado. Lá vinha o marido com os dois filhos pela mão, triste e acabrunhado, pensando naquela grande dúvida: como estaria sua mulher?

A sineta, num alvoroço tocou. As visitas entraram. Encheu-se a enfermaria duma garridice.

Mãe, mãe! tu já estás boa! anda com a gente, para casa!

E foi, de facto, graças àquêles homens humildes cujo sangue, abnegadamente, têm salvo tantos infelizes doentes!

COMO FUNCIONA O SERVIÇO DE TRANSFUSÃO DE SANGUE

Instalado no Hospital de S. José, o Serviço de Transfusão de Sangue foi criado, há dois anos, pelo senhor Enfermeiro-Mór dos Hospitais Civis.

O aspecto social da sua missão é desnecessário enaltecer. Na Inglaterra, Alemanha e França existem, anexas aos estabelecimentos hospitalares, os Serviços de Transfusão de Sangue, cooperando, eficazmente, com a cirurgia. Apesar da sua recente fundação muitíssimo têm feito, num contributo generoso pela humanidade doente, estes serviços do Hospital de S. José. É dirigido pelo clínico Dr. Armando Luzes e compõe-se duma equipa de quatro médicos, dois arquivistas e uma empregada de laboratório.

Encontram-se hoje inscritas mais de mil pessoas, sendo cinquenta do-

sexo feminino, prontas a da: san-

gue. Destas, porém, cerca de

50 a 60% são aproveitados. O

dador é sujeito a uma rigorosa

inspecção médica: se o resultado

fôr favorável, fica na obrigação

de trimestralmente ser observado

pelos clínicos, para saberem do

seu estado. Só de cinco em cinco

semanas podem vir dar nova-

mente o sangue. A idade, para

a inscrição, nunca é inferior aos

21 anos, nem superior a 53. O

máximo do sangue tirado é de

500 cm³. É interessante constatar

que há dadores de todas as es-

calas sociais—desde o soldado

ao major, do operário ao advo-

gado, do policia ao chefe.

Os ficheiros são completos.

—Por eles os facultativos sabem

tudo—desde a morada ao peso

do dador. Há um homem que já

deu o sangue trezentas vezes.

Não se podem aqui destacar no-

mes, numa obra social e colectiva.

Todos são credores de grande

reconhecimento. O Frigorífico,

para a conservação do sangue,

está organizado de modo que o

médico, pela ficha colada ao

frasco sabe que elementos san-

güíneos irá aplicar. O sangue ali

guardado é para os hospitais de

Lisboa! Quantas vidas se não têm

salvo, graças ao Serviço de

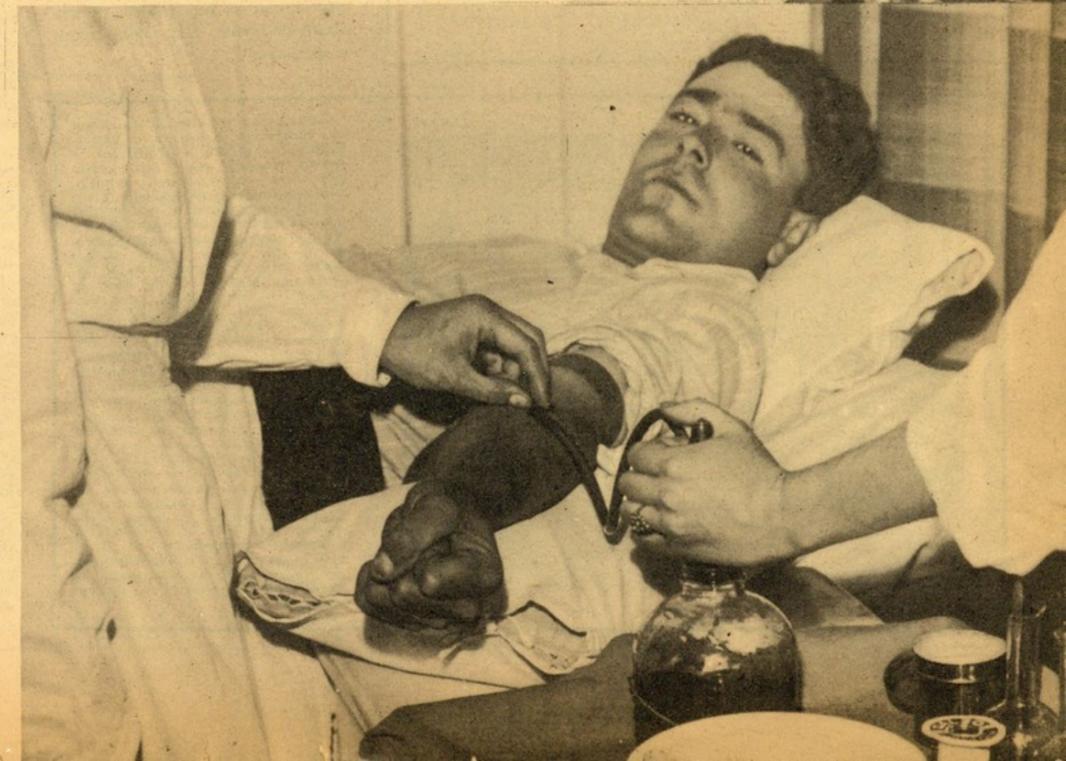
Transfusão de Sangue!



EM CIMA: A telefonista tem um trabalho espinhoso. Continuamente procura os dadores para os casos de necessidade urgente

AO CENTRO: Identificando o sangue conservado pelo ficheiro.

EM BAIXO: Colheção de sangue para conservar. Os dois médicos procedem à operação.



A BEIRA DA CELEBRIDADE

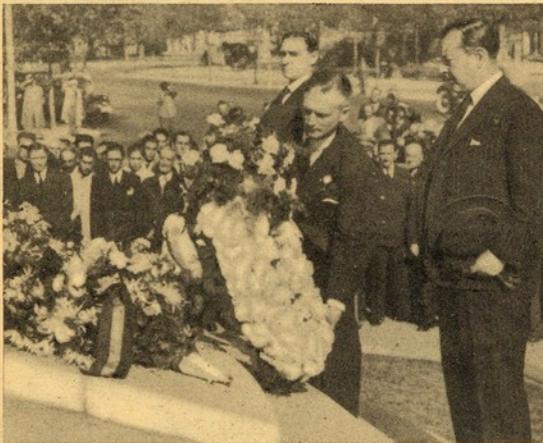
CADA um tem os regalos de que pode deitar mão. E nem sempre são as coisas mais difíceis aquelas que mais completamente nos satisfazem, mas certos prazeres fáceis, baratos e incontestados. Basta para isso uma gota de talento — um talento fácil, afinal... — para sabermos dar apreço novo a ninharias que passam muitas vezes sem que se dê por elas... Este talento para as coisas de nada pode estar, até mesmo, em contradição com a grande sabedoria latina, segundo a qual *de minima non curat praetor* — mas a verdade é que nem todos nascemos irremediavelmente fadados para pretores... É por isso que este jeito especial para o encanto pelas ninharias nos pode ser preciosa compensação pela nossa impossibilidade para as coisas de vulto: quem nasceu para pataco não chega a meio tostão...

A verdade é que ir pela rua fora e ver as caras das pessoas, tentar descobrir na expressão de cada um o drama da sua própria existência, o drama que consigo se arrasta o dia inteiro, supor o que é que faz na vida aquele senhor que se sentou diante de nós com cara de comandante de bombeiros voluntários — tudo isso pode parecer que não chega a ser coisa nenhuma, mas é, simultaneamente, um passatempo e um exercício. Isto requinta se nos decidirmos a espreitar o que lêem nos jornais as pessoas que vão ao nosso lado: há o leitor implacável do artigo de fundo, há o sensacionalista que começa logo pelas últimas notícias, há o afadigado que só lê os títulos, o que passa os olhos fugidamente pelo dia-a-dia e vai repousar com a maior tranqüilidade sobre a coluna estreita da página de anúncios, onde, em boa verdade, é possível surpreender as mais impressionantes e inesperadas sínteses da vida e da época, ali estampadas em quatro ou cinco linhas a uns tantos escudos cada uma. Entre o automóvel que se troca por três ou quatro automóveis, a «criada — precisa-se que saiba o trivial» e o produtor de drogas capazes de todos os milagres, há uma escala panorâmica que nos diz tudo quanto nós menos poderíamos prever. Claro que tudo isto tem o seu sabor, que vale a pena saborear gulosamente até ao fim. E não custa nada...

Para quem escreve, a surpresa ainda pode ser maior, mais completa, mais requintada. Um dia destes, a meu lado, sentou-se para a meia hora de viagem um passageiro de maneiras discretas que desdobrou o seu jornal e principiou a leitura. Espreitei. Confesso — nós não sabemos ser indiferentes a estas pequenas vaidades íntimas... — que me senti muito lisonjeado ao vê-lo mastigar pausadamente uma coluna de prosa que eu mesmo tinha manipulado, com este mesmo bico que está agora a traçar estas linhas. Em boa verdade, eu não tinha razão nenhuma para isso: se eu tinha escrito e publicado — como poderia surpreender-me que aparecesse alguém a ler?... Mas não estava mais na minha mão. E aquela coincidência de um leitor tão atento como desconhecido, posto pelo acaso no mesmo banco em que eu seguia, não me deixou de todo incensível. Sim, com certeza, eu era um grande homem, quasi uma celebridade! Para prova, ali ia o meu vizinho, inconscientemente, a homenagear-me... Mas, de repente, a meio da minha coluna de prosa, o leitor atento e de maneiras discretas não esteve para mais, naturalmente chamou-me parvo em silêncio, virou a página e começou a ler resenante o folhetim!

Decididamente — concluí — a celebridade não é uma coisa para toda a gente...

JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS



1918. Novembro chuvioso parece que indiferente a alegria das almas. Tinha-se assinado o armistício. A Grande Guerra, como lhe chamaram, era um cadáver sepulto. Sobre a campa uma legenda falsa: «soou a paz, soou a justiça dos homens, amemo-nos como irmãos». Muitas nações haviam sido chamadas a dar o seu sangue. Muitas agora eram as que erguiam a flâmula da vitória. Entre elas, lá estava Portugal, com os seus mortos, as suas lágrimas, os seus anseios. Estava com os Aliados, chorou os filhos perdidos na batalha e erguia agora a fronte resplandecente. O Dia do Armistício — o 11 de Novembro — todos os anos foi assinalado, como uma pedra branca, pelas nações aliadas. Este ano, a data não foi olvidada. A guerra actual, maior do que a Grande Guerra, não fez esquecer aos vivos os outros mortos inutilmente sacrificados pela felicidade dos povos. A Liga dos Combatentes da Grande Guerra foi ao cemitério do Alto de São João, e os ingleses e americanos associaram-se a homenagem piedosa, indo depositar flores, como se vê na foto junta, no pedestal do monumento dos Restauradores.

FALA-SE ESTA SEMANA

DOUTORA SEOMARA DA COSTA PRIMO



Uma senhora nas escolas de ensino superior não é facto registável entre nós, depois de D. Carolina Michaëlis tão bem ensinou filologia à gente portuguesa. Hoje, porém, outra senhora se propõe envergá-la a borla e o capelo na Faculdade de Ciências, depois de há um ano se haver doutorado em ciências naturais: a Doutora Seomara da Costa Primo, que tem estado a prestar provas para professora de botânica da Universidade de Lisboa. A Doutora Seomara da Costa Primo, que foi, durante muitos anos, inteligente colaboradora do Professor Palhinhas, é a primeira senhora portuguesa que se propõe ocupar um tão alto lugar, como professora de ciências naturais.

NITA LUPI



Quando Nita Lupi publicou o seu primeiro livro de versos, surpreendeu a dramática sinceridade da sua alma de mulher. Era uma confissão singela e humana, uma sensibilidade que se despia com simplicidade pura, poética. Hoje, a autora deu-nos mais um livro — *Paisagem* — em que confirma magnificamente as suas virtudes de mulher e de poetisa: Nita Lupi continua a ser sincera...

OS AUTORES ESTÃO INOCENTES!

D E há um tempo a esta parte, levantou-se um aqui d'el-rei do outro mundo: que se escreve demais e há pouco quem escreva.

Evidentemente, o comentário dos factos ou a sua exposição não cabe numa coluna deste tamanho. A verdade é que estamos diante de um fenómeno europeu, para não dizer mundial, a que os nossos familiares das letras e parentes adjacentes não se puderam furtar. Nunca se escreveu tanto em Portugal. Deve estar certo. Nunca se escreveu tão mal. Deve também estar certo. A proporção do mau deve andar paralela com a quantidade. Mas não nos parece que nisso haja razões de alvoroço ou motivos de sanções ou restrições. É justo que se ponha barreira ao amorismo das letras — mas essas barreiras não podem nunca constituir medida coerciva. Antes, o cidadão deve ter tanto o direito de escrever mal como de respirar livremente o ar puro dos pinhais ou gozar a fresquidão dos frutos. Anda meio mundo para aí a gritar que somos um país de lirismo, anda meio mundo a enaltecer as virtudes da raça. Por que há-de, então, ao meigo cidadão proibir-se a única linguagem eloquente de exprimir o seu lirismo — a grande expressão da raça?

Que escreva para a família e para o público — disso é que ele não tem culpa. Porque, então, aí temos outro defeito da raça: confiar. Comprar o primeiro livro que apareça na montra. É certo que, na maioria dos casos, o público compra tudo ou não compra nada, porque não sabe o que compra. Falta-lhe o conselho, falta-lhe a opinião que oriente.

Mas, aí, calmos noutro defeito: se há livros a mais e escritores a menos — que se deve dizer da crítica feita pelo primeiro folheador de livros que aparece nas redacções — com excepções de um ou dois casos honestos de crítica assinada?

Não há dúvida: vai por aí muita parra e pouco uva. Mas para fazer vindima e obter bom sumo, só uma coisa é possível: que as colunas das revistas e jornais deixem de ser chocadeira de meninos e meninas prodígios; que os adjectivos sejam doseados e que quem dá a sua opinião sobre livros publicados, se revista daquela autoridade que exclui do número dos críticos, quem fór cúmplice de autores-amadores... Quando o público procurar na imprensa opiniões que de algum modo saiba serem autorizadas, — poderá comprar o que deve e pôr de parte o que é mau... Dêste modo, a parra de má produção cairá como fôlha outoniga: porque os autores receberão no julgamento público condenação correspondente ao crime e porque os livros permanecerão amarelados e perfilados nas estantes do livreiro...

A nosso ver, portanto, o crime — se o há — não pede medidas coercivas e só pertence aos senhores críticos. Os autores estão inocentes!

A ENTREVISTA DA ACTUALIDADE

UM ESTUDANTE COM SORTE RAFAEL COELHO

**GANHOU 2.500
ESCUDOS NUM
CONCURSO!**



EM 1939, foi criado o «Prémio Nacional Dr. Luís da Câmara Pestana». Destinava-se a distinguir, em cada ano lectivo, o melhor trabalho de bacteriologia ou anatomia patológica, apresentado por aluno de qualquer das três Faculdades do País. Em 1940, o prémio foi concedido a um aluno de Lisboa — o único concorrente. Depois, nos anos seguintes, ninguém se candidatou. Este ano, foram dois os concorrentes e um premiado: o sr. Rafael Adolfo Coelho, quintanista de medicina e quasi sr. doutor. Está na nossa frente e já nem Deus Nosso Senhor o livra do interrogatório...

— É a primeira vez que recebe um prémio?

— Com excepção do recebido no meu 7.º ano de ciências, no liceu Camões... Os 18 valores finais habilitavam-me.

— E, depois, habituou-se, não?

— Aos 18 valores?

— Bom vá lá o calemburgo...

— Ainda o ano passado os alcançei, no 4.º ano de medicina...

— O que é o trabalho premiado?

— É um estudo sobre o micróbio da tosse convulsa, sua criação, alimento e clima. Por ora, como se deve compreender, o resultado pertence exclusivamente aos domínios do laboratório, sem outros resultados que não sejam os teóricos. A medicina aplicada, o caso não interessa directamente.

— Mas vai continuar a estudar o assunto?

— Claro.

— Quem elegeu o seu trabalho?

— Um júri constituído por três lentes das Faculdades de Lisboa, Porto e Coimbra. Mas, olhe que não lhes sei o nome!...

— Está contente?

— Pelo menos não tenho razão para estar triste...

— Sabe o que admira? Que ainda tenha tempo para escrever livros...

— Você bem vê que tem... De resto, o trabalho é muito facilitado pelas próprias Faculdades: temos laboratórios à nossa disposição. Por acaso, o meu trabalho e o do meu colega foram elaborados à base dos observações colhidas no Centro de Saúde de Lisboa, dirigido superiormente pelo Prof. Dr. Maia de Loureiro.

— E que vai fazer agora dos dois contos e quinhentos do prémio?

— Quando os receber, compro livros...

— Livros, ciência, livros, ciência...

— E arte. Também gosto de música. Acha que a medicina e o piano são incompatíveis? Tudo é tocar instrumentos...

— E o trabalho não será publicado?

— Na «Revista Clínica Espanhola».

— E depois?

— Tanto depois! Mas, então, você não vê que eu, com esta idade, não posso fazer projectos a longo prazo?

— Todos nós temos na vida...

— Bem sei, uma ilusão mais querida... A minha é formar-me, concorrer ao internato dos Hospitais Civis, obter uma bolsa de estudo e ir até à América do Norte...

— Bom, mas isso não é uma ilusão: são muitas ambições!

— Pois são, mas como sonhar não custa dinheiro!...

— Ah! sim, nesse caso, quando chegarem as realidades!...

— Cá estou para o receber!

Morreu o Engenheiro Duarte Pacheco



A notícia chegou brutal a todos os cantos do País e emocionou quantos dela tomaram conhecimento: morreu o engenheiro Duarte Pacheco! Morreu o ministro das Obras Públicas!

Raras vezes um membro do Governo terá criado à sua roda tantos motivos de simpatia. O sr. ministro Duarte Pacheco deixa atrás de si uma vasta obra de empreendimentos, de realizações notáveis, não só levadas a cabo em Lisboa, como em todo o País, onde o seu dinamismo tão extraordinariamente se fez sempre sentir. O desastre que o vitimou em Vendas Novas, onde o interesse e o dever pelas obras em realização ali o chamaram, foi um golpe brutal que o país lastima comovidamente.

NOTAS RAPIDAS



Uma cerimónia no palácio de Belem: o sr. Ajah Ahxel é o novo ministro da Turquia e vai apresentar as suas credenciais ao sr. Presidente da República. O seu discurso, como o do Chefe do Estado, é significativo: Portugal e Turquia, dois países neutros, têm laços antigos e fortes a ligá-los.



As relações culturais luso-espanholas deixaram de ser campo de palavras para passar a campo de acção. A exposição de arte moderna, patente na Sociedade das Belas Artes e inaugurada com a presença do Chefe do Estado e membros do Governo, é uma afirmação formal da unidade que liga os dois países.



Os Bombeiros Voluntários de Lisboa completaram mais um ano de bons serviços prestados à cidade. O sr. capitão Carvalho Nunes, em representação do sr. Presidente da República, esteve presente e colocou na nova bandeira da corporação, oferta de um grupo de comerciantes, uma medalha oferecida pela Cruz de Malta.



Os «Carlos» estiveram em festa. Como aqui já referimos, houve distribuição de um importante bode às crianças de Lisboa, reunindo-se depois os sócios num banquete de confraternização. Assistiram representantes da Imprensa e presidiu o sr. Carlos Empis, presidente daquela associação.

UMA FORMA PRÁTICA DO DECANTADO INTERCÂMBIO LUSO-ESPANHOL

SEMPRE que se fala nas dificuldades económicas da produção nacional e na pequenez do mercado para a sua amortização, aponta-se, como solução salvadora, o projecto duma íntima colaboração cinematográfica luso-espanhola. A Espanha, por seu turno, parece encantada com a possibilidade desse intercâmbio, destinado a levar as fitas portuguesas às telas do país vizinho e a cimentar, entre nós, o prestígio, com raízes mais fundas, das películas produzidas em Madrid e Barcelona. Portugueses e espanhóis atravessaram as fronteiras, animados dos melhores propósitos de levar por diante esse sonho das duas cinematografias, mas, a despeito de tudo depender, à primeira vista, e apenas, de meras formalidades comerciais, as diligências efectuadas nunca conduziram uns e outros ao seu próprio destino.

Leitão de Barros, com a habitual visão do negócio, abalçou-se, em tempos, a fazer uma versão castelhana do «Bocage». Mas apesar da Espanha se encontrar dilacerada pela guerra civil e com os estúdios praticamente paralizados, o filme não interessou «auestros hermanos» — e com razão, pois não reúnia as características necessárias para tanto. De então para cá, multiplicaram-se projectos e combinações, alguns até fora do âmbito da iniciativa particular — e nada se viu a coroar os bons esforços dos produtores e cineastas ibéricos.

Entretanto, parece ter sido a própria Espanha a primeira a descobrir uma maneira prática de levar a cabo a valorização dos seus filmes em Portugal — fórmula que é afinal a que Hollywood tem seguido com tão bons resultados. Para um filme a produzir nos seus estúdios, contratou uma vedeta portuguesa, que prestara, até então, provas brilhantes. E, assim, Milu, a revelação do «Costa do Castelo, foi de longada até Barcelona interpretar «Doze Luas de Mel». Que a ideia resultou — não resta dúvida. Poucos filmes espanhóis terão até hoje interessado os importadores nacionais, como esta película, que aliás não saiu ainda do âmbito dos laboratórios. Sabemos, até, que pelo exclusivo da mesma, se pagou uma quantia que, só por si, documenta esse interesse. E tudo isto, porquê? Porque Milu, a artista portuguesa — é a protagonista.

O exemplo proliferou. Anuncia-se que Vergílio Teixeira, Leonor Maia e Oscar de Lemos assinaram contratos para filmes espanhóis. Leitão de Barros deve filmar, para a «Ropectance», uma ou duas películas.

Os produtores espanhóis conservam-se atentos. Querirão os produtores portugueses perder a oportunidade — e desprezar a lição dos factos?

FERNANDO FRAGOSO



Laraine Day, que vimos ainda há pouco no «Sr. Felizardo», comanda um pequeno comboio, num traje verdadeiramente paradisíaco...

Se não fôsse o casamento de Charlot...

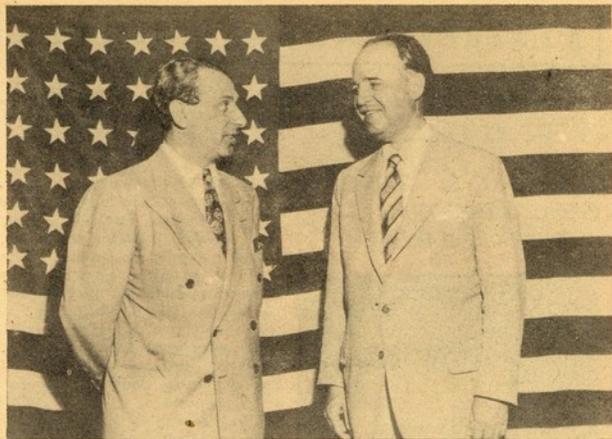
...Mimi Forsythe não teria deparado a grande oportunidade da sua carreira!

A história conta-se em duas palavras: Quando Charles Chaplin se resolveu a desposar Oona O'Neill, a filha do dramaturgo da «Electra e seus Fantasmass», havia sido indicada para intérprete de «The Girl From Leninegrad», ao lado de Anna Sten. A boda veio prejudicar os projectos dos produtores, porque Oona declarou que só appareceria em filmes de seu marido.

E surgiu então Mimi Forsythe, que parece ter constituído uma revelação. Oona casou-se — mas a sorte grande saiu à Mimi...

Um filme à glória da música americana

Hollywood prepara um grande filme «com o verdadeiro espírito musical dos Estados Unidos». A partitura será constituída apenas por composições e melodias de quatro dos mais famosos músicos americanos: Georges e Ira Gershwin, Jerome Kern e Cole Porter. Director, Mamoulian. Protagonista Jack Benny. Aguardemos, pois.



O comandante Alexandre Seversky, autor do livro «Vitória pelo poder aéreo», conversa com o Dr. Joaquim Pedro Salgado, ministro da Aviação do Brasil.

CINCO MESES ANTES DA R. A. F. TER BOMBARDEADO AS REPRESAS DO RHUR

Walt Disney previa, desenhava e fotografava esse golpe da aviação britânica

POUCOS meses depois da guerra se ter iniciado, appareceu nas estantes das livrarias de Nova-York uma obra, que deveria tornar-se sensacional, e que se intitulava muito simplesmente «Vitória, pela força aérea». O seu autor, o comandante Alexandre P. Seversky, piloto e desenhador de aviões, herói da outra guerra, apresentava e defendia a tese de que o aumento do poderio aéreo e a sua acção sistemática contra o inimigo, não só seria o meio mais rápido de o bater, como a forma de evitar o desgaste das vidas humanas.

O livro foi discutidíssimo, tanto mais que, ao tempo, as Nações Unidas não haviam ainda demonstrado a sua confiança nos argumentos aduzidos pelo famoso aviador polaco.

Walt Disney, o mago dos desenhos animados, o poeta subtil de «Fantasia», viu em «Vitória pela força aérea» o tema ideal para um filme de desenhos animados, que evocasse, simultaneamente, a história da aviação e, ao

mesmo tempo, illustrasse as teorias nelle expendidas.

O filme fez-se e já foi estreado no «Globe Theatre», de Nova-York. Trata-se duma engenhosa combinação de desenhos com cenas tomadas da vida real. A película começa com o histórico vôo dos irmãos Wright, em Kitty Hawk e documenta a evolução da força aérea, desde os seus incios até à actualidade, fazendo ressaltar a importância da estratégia anti-aérea, para que os aliados possam alcançar a vitória.

A oportunidade desta produção define-se com a citação de uma curiosa referência: no decurso da película de Disney, demonstra-se como é possível bombardear as grandes represas germânicas. Tal episódio foi desenhado, colorido e fotografado, cinco meses antes dos aviões da R. A. F. terem conseguido destruir as represas do Mohr e do Eder — facto que constituiu, como estão lembrados, uma autêntica proeza da guerra aérea.

LEONIDE MOGUY está a filmar em Hollywood

Pouco depois da derrota da França, Léonide Moguy, o cineasta da *Prisão sem grades, Conflito e O Miúdo*, passou por Lisboa. Ia a caminho da América, com o fim de sujeitar sua mulher aos cuidados dos mestres da Cirurgia Estética, com a esperança de eliminar a cicatriz que lhe desfeava o rosto, proveniente do desastre de automóvel, sofrido em Paris, quando do exodo.

A operação parece ter resultado e Moguy encontrou trabalho nos estúdios, pois que as últimas notícias da América nos dizem estar a dirigir *The Night is Ending* — o drama da França, nas horas amargas da invasão.

NOTÍCIAS DOS STÚDIOS

Betty Gable foi escolhida para principal intérprete do novo filme musical «Something for the boys». Estamos a ver o título na tradução portuguesa: «Alguém coisinha cá para os rapazes...»

Laurel & Hardy, os popularísimos Bucha e Estica, vão interpretar «Dancing Masters» (Professores de Dança). Quem serão as alunas?

Jennifer Jones, descoberta por Korda, é a principal intérprete de «A canção de Bernadette», filme sobre as aparições de Lourdes, baseado no livro do mesmo nome de Franz Werfeld.

Bufalo Bill, o lendário «cow-boy» do Oeste americano, regressa à tela, encarnado por Joel Mac Crea, num filme colorido.



É PRECISO SALVAR O TEATRO! DIZ, CASAIS MONTEIRO

QUANDO o Outono vai em meio e começam a preparar-se as «grandes realizações» do nosso teatro, cruzam-se as mais inesperadas notícias e os mais curiosos boatos...

O mesmo está sucedendo nestes princípios de nova época... Apregoa-se que o Nacional vai finalmente pôr em cena o já famoso *Jacob e o Anjo*, de José

Régio... Sussurra-se que Ramada Curto fará uma surpresa... Pergunta-se se Amélia Rey Colaço nos oferecerá outro espectáculo género *Electra*... Apontam-se futuras revelações... Diz-se que vai surgir uma grande companhia... Anuncia-se que Adolfo Casais Monteiro tem uma peça para representar...

Basta, ficámos por aqui. Urgia, sem dúvida, informar os leitores de *Vida Mundial Illustrada* acerca dessa notícia extraordinária. Então Casais Monteiro, o crítico temido, ia estrear-se agora como autor, ia oferecer-se à «révanche» daqueles que lhe julgara, às vezes, tão severamente... e tão sinceramente?

Procurámo-lo. Casais Monteiro acolheu-nos com o seu sorriso largo, jovial, de bom camarada. Nada das pretensiosas frases de muitos «críticos», nada das frases empoladas de muitos «intelectuais», nada dos gestos estudados de muitos «entrevistados».

Pelo contrário, Casais Monteiro conversou connosco, como se estivéssemos à mesa do café, a discutir qualquer coisa... de interesse.

A primeira pergunta, como não podia deixar de ser, reflectiu a nossa curiosidade:

— Então, Casais Monteiro, qual é o assunto da sua peça, já anunciada?

— Ele riu-se. Gargalhada alegre, à vontade. E esclareceu, sorrindo ainda:

— Gracinhas, meu amigo, gracinhas... Eu não tenho peça alguma... Foi uma «blague» posta a correr por algum humorista... Talvez pelo Ramada.

— De verdade?

— Creia no que lhe digo... Há muito tempo já, é certo, escrevi ainda umas cenizas para uma futura obra teatral. Mas, depois, no meu estágio como crítico teatral, perdi todas as esperanças... Não vale a pena! O Teatro anda tão mal, tão viciado, que tudo o que eu escrevesse ficaria na gaveta... E eu não posso perder tempo!

Calámos a nossa desilusão e aproveitámos o nosso tema.

— Deixou a crítica teatral?

— Um enrugar de sobranceiras. Para além dos óculos, os olhos semicerraram-se.

— Completamente... Tenho recusado todos os convites para regressar à actividade... Isso não me interessa mais... Depois do que disse, já nada mais devo dizer... Não quero voltar a ser crítico teatral!

O seu tom era tão sério, que não deixámos de perguntar:

— Mas então o teatro português vai assim tão mal? Por quê? Falta de autores?

— Ele atalha imediatamente:

— Eis uma das razões: falta de autores. A maior parte dêles, senão a totalidade, parece que vive longe do nosso tempo... Dá a artificialidade das suas obras... Ainda se tentassem uma experiência...

— Uma experiência?

— Sim... Gostaria de ver representadas as obras de João Pedro de Andrade... É o único autor que me merece confiança... Mas trata-se, afinal, dum autor desconhecido dos nossos palcos profissionais...

Voltámos a insistir:

— Mas o teatro, em si, não oferece qualquer segurança?

— É preciso fazer bom teatro, sério humano, verdadeiro, e insistir, insistir até que o público se acostume... Sim, porque tentativas esporádicas não trazem resultado positivo... Há a necessidade da continuidade... Assim, os intelectuais, as pessoas de bom gosto, os espíritos cultos, voltarão aos lugares de espectadores a que já renunciaram, diante de tanta *miseriazinha* e de tanto *popularchinho*. E é preciso ter uma orientação, um programa. Formar artistas, não pelo Conservatório, mas pela experiência do palco... E, no fundo, bem vê: não se pode desejar que apareçam bons artistas no meio do mau teatro...

Depois, as palavras vigorosas de Casais Monteiro tomam uma energia agreste, de combatente, de crítico...

Mas ele não o quer ser...

A despedida, aperta-nos as mãos com força.

— Sabe? Resume-se tudo nesta grande verdade: é preciso salvar o teatro português!

E, ao dizer isto, havia um tom de profeta na voz de Casais Monteiro...

Às

três pancadas

NA BERLINDA

A FEIRA, no Teatro Avenida. Mais uma revista, igual às outras, com momentos bons e momentos maus, com números pitorescos e números aborrecidos. O género continua a ser preferido pelo público. Mas, pergunta-se, a quem cabe o mau gosto: ao género ou ao público?

— Talvez a ambos, encurtando razões. De qualquer maneira, porém, as nossas revistas continuam a ser cozinhadas com os mesmos temperos. E enquanto não houver uma indignação forte, ninguém deitará fora esses temperos... Pa-ciência!...

A azougada *Laura Alves* mantém os seus créditos. Vivacidade, contacto com o público, alegria, boa vontade — eis os principais predicados dessa rapariga que tem um desejo sincero de acertar. Mas *Laura Alves* merece mais do que essas apalçadas rábulas de revista. Mais e melhor! Porque não dão a *Laura Alves* os papéis que ela gostaria de interpretar?

Até a inspiração original vai faltando... Na «Feira» os melhores números musicais são os compilados.

Parabens a *Elvira Preusser*. De novo se confirma o rifão: «Mais vale tarde do que nunca». Levou tempo a ser compreendida. Mas, agora, *Elvira Preusser* desforrou-se. Em primeiro plano, ofereceu uma exibição coreográfica de grande valor. Muito bem!

UM COMENTÁRIO

No nosso teatro há destes paradoxos: os bons artistas são poucos e, mesmo assim, estragam-se em papéis inferiores.

Exemplos? Não é preciso pensar muito. Há quanto tempo anda a *Irene Isidro* a procura dum papel digno do seu talento indiscutível? Para que se gasta o *Amarante*, o grande *Amarante*, em revistas e revistelbas?

UMA NOVIDADE

Consta que se prepara um espectáculo extraordinário de teatro moderno, realizado por um conjunto de artistas novos e de intelectuais, denominado «Teatro Novo».

ELA QUERE SER A MELHOR COMEDIANTE DE PARIS



EDWIGE Feuillère, uma das actrizes mais queridas do público francês, acaba de declarar aos jornalistas que no inverno próximo se tornará a melhor comedianta de Paris.

Desde há muito que ela demonstrou o seu talento, em triunfos sucessivos e completos.

Vinda de Dijon, chegou a Paris e matriculou-se no Conservatório. Entrou como figurante nas «Aventuras do rei Pansole» e foi imediatamente notada pela sua graciosidade.

Mas — como ela própria afirma — levou trinta anos para aprender a ser bonita. Esses trinta anos foram — precisamente — de subida rápida e vitoriosa, tanto no palco, como no écran.

No seu último filme — *Lucrécia* — Edwige Feuillère tem... desaesias anos. E agora espera apenas ocasião de destronar tódas as outras comediantes parisienses...

4 VEDETAS DE HOJE HÁ 20 ANOS...

Há vinte anos, êles e elas eram assim mesmo... *Lucília Simões* tinha um sorriso de juventude... *António Silva* parecia um galã muito fotogénico, muito bonitinho... *A Laura Alves* quasi que acabara de nascer, não sabia falar mas já dava uns ares de esperta... E finalmente o *Vasco Santana* estava gor-do mas ainda não era o *Vasco*... Passaram vinte anos e tornaram-se grandes!



LITERATURA

«ALIANÇA INGLÊSA»

DO PROF. MARQUES GUEDES

PUBLICANDO e reeditando o seu longo estudo histórico sobre a aliança luso-britânica, o Prof. Marques Guedes satisfaz, naturalmente, três formas de interesse: o seu gosto pessoal pelas questões, ou melhor, pelas narrações da historiografia, a atracção do público português por tudo o que respeita às relações tradicionais do país com a Grã-Bretanha; e talvez acima de tudo, a oportunidade política que se impõe pela posição actual daquela nação no mundo.

O êxito da obra cabe muito mais ao homem que apresenta nela o implícito depoimento da sua direcção em face das coisas públicas, do que ao estudioso, que não se apossou suficientemente do assunto e não empolgou como convieria os seus mais fortes e importantes aspectos.

Compreende-se que o técnico autorizado das coisas de economia e finanças queira evadir-se frequentemente da possível aridez dessas matérias, procurando na história o fermento vivo, animado e colorido dos acontecimentos sociais; mas a melhor missão do estudioso com a tempera do Prof. Marques Guedes seria, talvez, a inclusão nesse legítimo gosto do trabalho histórico das aptidões consagradas do economista. Com a «Aliança Inglesa» realizou, sem dúvida, trabalho brilhante e oportuno; mas por ter reduzido na obra a perspectiva e o sentido económico que, com máximas razões, deviam preponderar no seu espírito, reduziu também o valor definitivo que ela poderia ter no conhecimento da aliança inglesa e do seu mais verdadeiro e profundo significado na história de Portugal.

Mesmo nos autores em que predomina o sentido narrativo e não o problemático e estrutural da história, como é o caso do Prof. Marques Guedes, não se pode atribuir-lhe o carácter de ciência, imparcial e objectiva. Toda a historiografia é obra de ponto de vista; e o verdadeiro problema consistirá, certamente, em descobrir o mais positivo fundamento em que as justificações históricas poderão firmar-se, o mais coerente e lógico sistema geral em que poderão inclinar-se. Um economista como o Prof. Marques Guedes devia considerar que não há mais sólido fundamento da história do que os interesses reais dos homens que a vivem; e, como economista também, que só constituirá sólido trabalho histórico o que visar a fins sistemáticos — aquilo a que Spengler chamaria «a história das grandes conexões».

A «Aliança Inglesa», pelo contrário, em trabalho desta índole; a minuciosa

e longa narração da intriga política que se desenrola pelos séculos fora na Europa inteira, e especialmente nos dois povos que a aliança uniu. No decurso da obra, desenvolvem-se paralelamente — e quasi sempre muito pouco ligados — dois planos narrativos: o da história política no seu encadeamento circunstancial e o da confecção histórica da aliança, através dos seus sucessivos instrumentos diplomáticos.

Por ser tão restrito o sentido das «grandes conexões» nesta obra, e lhe faltar o alicerce da perspectiva económica em que a aliança de facto se desenvolve, dá a impressão que ela se renova e mantém por sucessivos contratos entre os poderes soberanos, não pela estrutura íntima e contínua das relações entre as classes marítimo-comerciais de Portugal e da Inglaterra, ligados por desígnios económicos que se ajustaram e por isso se traduziram em aliança secular.

O estudo da aliança luso-britânica como síntese política de conveniências gerais e não como episódio entre outros episódios da política internacional, seria certamente mais completo e perfeito trabalho para o investigador escrupuloso e narrador brilhante que é o Prof. Marques Guedes.

Não cabe no espaço desta nótula apontar em minúcia as consequências da orientação que o autor da «Aliança Inglesa» imprimiu ao seu trabalho. Bastará lembrar, como exemplos entre muitos, a insuficiente explicação das agudas relações entre Portugal e a Inglaterra nas épocas de maior complexidade para a aliança, como o século XVII e a 2.ª metade do século XIX; o esquecimento das realidades histórico-económicas que precediam e determinavam a elaboração dos sucessivos tratados — como é especialmente flagrante com o de Methuen; o parco desenvolvimento e falta de relações explicativas quando refere a política económica de Pombal, etc.

Talvez seja isto o mais importante numa crítica a trabalhos de tão grande significação. O que caberia elogiar — a justiça e brilho de linguagem descritiva, a larga erudição, o inteligente sentido das proporções no julgamento dos homens e dos factos políticos, a arte de bem definir em síntese uma situação histórica — seria sem dúvida muito pouco interessante para uma sólida personalidade intelectual como é o Prof. Marques Guedes.

ALVARO SALEMA

COMO ÊLES SÃO NA REALIDADE

Sacha Guitry está novamente em destaque na cena parisiense com a peça N'écoutez pas Mesdames, de que é autor e actor. Fora do palco e das suas transfigurações, o grande intérprete do teatro moderno detempenha outros papéis, em que se destacam os da sua acidentada vida amorosa. Casou-se há tempos pela quarta vez e aqui o vemos com a mais recente consorte — e o «embonpoint» de homem que não se preo- ocupa muito com os problemas da existência e especialmente com os da vida conjugal.



UMA ANEDOTA DE ANTERO

ANTERO de Quental, pessoalmente alheio por idealismo e desinteresse de filósofo às questões estereis da política parlamentarista do seu tempo, empenhou-se por amizade no êxito do ministério em que participou Oliveira Martins, sob a presidência de José Dias Ferreira. Conta Raúl Brandão que, organizado o gabinete, Dias Ferreira julgou ver em Antero mais um pretendente a um emprego público, agradecendo-lhe com ar protector os bons serviços que prestara: — Esteja descansado, senhor Quental, que eu não o esqueço...

FAÇA DE PAPEL

— A livreria Bertrand vai publicar em breve duas notáveis edições: o primeiro volume das obras de Moniz Barreto, o grande ensaísta da geração de 70; e o «Euricos de Herkulano», em edição crítica que deve proporcionar especiais ensinamentos — ambas a cargo do Prof. Vitorino Nemésio.

— Mota da Costa, especialista da literatura cinematográfica, escreveu «O Cinema na Inglaterra», em opusculo editado pela Parceria A. M. Pereira — história breve das suas origens e evolução até à actualidade, com vasta documentação sobre o assunto.

— «O plano Beveridge criticado» é o mais recente «Caderno da Seara Nova». F. Ramos da Costa analisa com justíssimo critério o discutido projecto de assistência social, elucidando com clareza extrema o seu verdadeiro alcance e significação.

10 MINUTOS COM ALVES REDOL

ALVES Redol, o paisagista vigoroso da gente sofredora e humilde da «Borda d'Águas ribatejana, vai descer à cidade — onde não falta matéria de observação para o seu estilo de romancista. Iniciou há poucas semanas, com a intensidade que a vida profissional lhe consente, a redacção de um novo trabalho literário com grande desenvolvimento; e a «Vida Mundial Ilustrada» ouviu-lhe estas oportunas informações, que constituem grave depoimento sobre as possibilidades do escritor em Portugal:

«Os Reineyros» será o romance duma família humilde de Lisboa, dação em quatro grandes quadros. O primeiro, que tem o título de «Família», decorre numa época que vai de fins de 1908 a 1925. Estou a trabalhar com aquelas restrições que a minha vida profissional me põe em todas as horas. Preciso de muita tenacidade para escrever. Oito horas de trabalho intenso com números quasi me impossibilitam. Sinto até que não durarei muitos anos como romancista, a menos que possa modificar totalmente a minha vida».

— O seu último livro encontrou bom acolhimento

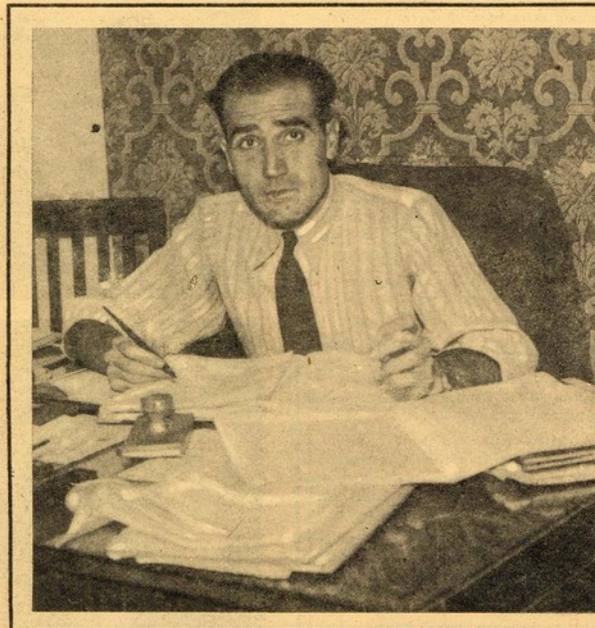
— «Fangas» foi, de facto, um êxito. Esgotado em menos de dois meses mostrou-me que encontrei na Golegã um grande problema humano. As palções que surgiram à sua volta, dizem bem da sua oportunidade».

— Mas a atitude da crítica, em especial?

— «Na crítica houve de tudo. Exagérios de elogios e também má-vontade. O que é natural, por não poderem os homens fazer crítica imparcial. Eu, por exemplo, sinto-me incapaz de ser. Ainda há épocas de calma que vagamente o consentem. Mas esta...».

— No entanto, a própria história dos escritores no presente devia dar-lhes certa unanimidade na apreção dos verdadeiros valores humanos...

— «Isso de missão do escritor parece-me vontade de complicar problemas. Cada um de nós tem uma missão — a sua missão de homem. E dentro dela está toda a sua actividade».



NA ESTREIA DE MARIA DOMINGAS NA EMISSORA



para serem engraçadas porque o são, e sobretudo para serem jovens porque o são também.

O número começa e pelas palmas vemos que não desagrada. Mas ainda bem o número não acabou já o dinâmico Jorge anuncia a tão esperada notícia — Maria Domingas vai cantar! A estreia da noite. Maria Domingas avança, papelinho na mão, com um ar medroso em que não acreditamos e... começa. Durante o número faz uns esgares para a assistência, como para demonstrar que está nervosa e por fim acaba. Contávamos com um desabar de palmas, «bises» e tudo e... nada. Parece-nos que Maria Domingas não entrou na Rádio como no Cinema. Ou então o público, ali, é especial.

Mais uma senhora canta uma valsa, Paulo Amorim que canta uma canção inglesa e Julieta de Castro sobem ao estrado.

Mais uma vez, Julieta de Castro convence-nos. É uma artista e a sua voz é com certeza das melhores na Emissora.

Novamente Maria Domingas canta. Num momento de nervosismo, sem se lembrar que está diante do micro, lança um «Ai meu Deus» sumido que vai para o ar... como a sua canção. Jorge Alves sorri, todos sorriem e nós sorrimos também da atrapalhão de Maria Domingas.

Palmas, mais palmas. As irmãs Meireles vão de novo cantar.

Depois dumas pequeninas dificuldades, saímos e cá fora, à vontade, sem aquela preocupação de não «fazer barulho», não tossir... respirámos.

Passaram exactamente 10 minutos.

acaso levou-nos à Emissora nessa noite. E, como nós, havia muita gente no «hall» da nossa estação oficial. Logo à entrada, deparámos com uma cara conhecida: uma das irmãs Remartinez lá estava. Ia também ouvir a sua nova colega. Muito constipada, fungava de vez em quando, enquanto conversava com vários admiradores e amigos. Não cessava de chegar gente e o «hall» encheu-se rapidamente. Meninas «clippers» e não «clippers», algumas senhoras e muitos «habitues». Jorge Alves sobe a escada e é assaltado por vários curiosos ou admiradores que lhe fazem perguntas, outros que lhe dão indicações referentes aos números que ele vai «locutar». Sempre sorridente, sempre saltitante, Jorge consegue subir e... fugir. Atrás d'ele, aparece Francisco Mata. Olhamo-lo espantados. Mas que diabo se passa?... O Mata vem de tódas as côres!... Sobretudo preto, fato castanho, camisa verde, gravata azul e... mais e mais!... Mata nota o nosso espanto e diz-nos «que se vestiu à pressa» e desaparece também na multidão.

Faz-se um pequeno silêncio. António Ferro passa e dirige-se para um dos gabinetes.

De repente, o burburinho é grande, a porta está aberta e os cartões podem passar.

Nós ficamos porque não temos cartões. Mas, amavelmente, uma entidade da Emissora faz-nos entrar. Quando com dificuldade conseguimos um lugar, é de pé e embalados pelo ombro dum curioso e debruçados sobre ele que assistimos à Hora de Variedades que não terá para nós mais que dez minutos, porque julgamos não agüentar mais aquela posição.

Pode-se dizer que está um «casão», como se diz em gíria teatral.

Os nossos olhos pousam sobre três... mesas de xadrez que vão cantar... Que lindos «pull-over's» têm as irmãs Meireles! Não façam caso, Meireles! São engraçados, sim, senhoras. É verdade que elas não precisam dos «xadrezes»



HARRY JAMES

Todos aquêles que viram o filme «Primavera nas Montanhas» não deixaram de admirar Harry James o grande trompete da época. Até agora, o único trompete do mundo que conseguiu destronar o idolo do trompete, o mágico do «jazz», foi Harry Armstrong, o negro da nota mais alta da trompete, o melodioso do trompete, o melodioso do «Saint Louis Blues».

Hoje, Harry James é o n.º 1 do mundo do «jazz». O único de quem se esperam as novidades em discos, os concertos na rádio. Aqui o tem, ele e a sua trompete que nas suas mãos quasi se torna um instrumento magico!

À ESCUTA

Por que razão Maria Domingas na sua estreia na Emissora apresentou duas canções já cantadas por outras artistas?

Não teria sido melhor que os seus números fossem novos e não conhecidos já do público?

Não será possível que a Emissora em vez de nos dar às quintas-feiras música de dança do «Café Chave de Ouro» nos desse de vez em quando do «Miami» onde actua a melhor orquestra portuguesa de jazz, do momento?

Ouvimos há dias um magnífico solo de trompete de Albuquerque da orquestra da Hora de Variedades, através da onda da Emissora. Parabens, Albuquerque.

Não será possível desejar com mais variedade os pedidos dos ouvintes nas estações de amadores, para não sermos obrigados a ouvir seguir discos inferiores e do mesmo género?

Felicitemos, de novo, Rádio Atlântico, por alguns dos seus programas procurarem sair do rame-rame habitual radiofónico das nossas estações amadoras.

OS DA COSTA DO OURO TAMBÉM TEM RADIO

Não são só os chefes europeus que falam ao microfone, incitando os seus povos à guerra ou à paz. Lá longe, nos confins do Norte da Africa, este chefe da Costa de Ouro fala aos seus súbditos utilizando o meio mais rápido e mais moderno.

Nós, europeus, ao olhar esta foto, não podemos deixar de sorrir. O traje e o facto de nós imaginarmos os indigenas diante dum auto-falante, — ao qual eles devem chamar a «caixinha mágica» ou a «caixa que tem voz humana», não nos deixa quasi tomar a imagem a sério, pensando bem, tão banal como as outras.



Apesar de tudo o chefe da Costa de Ouro não parece ter medo «daquela coisa» em frente d'ele como alguns europeus que conhecemos... Já tanto não parece pensar o mítido. E que lindo ceptro que ele tem...

DESPORTO

VAI NASCER UM GRANDE CLUB EM PAÇO D'ARCOS?

ESTÁ na ordem do dia a vila de Paço de Arcos. Depois de vários casos interessantes, eis que surge novo problema, muito curioso e de grande projecção: a possibilidade da fusão dos três clubes da terra!

Por uma justificação muito platónica, Paço de Arcos tem três agremiações desportivas. Qualquer delas vivendo com extremas dificuldades, uma até com vida sustentada a balões de oxigénio. Não faz, contudo, uma até com vida sustentada a balões de oxigénio. Efectivamente, não faz sentido que, em centro tão pequeno, ou, se quiserem, reunidas num só bloco seriam, indiscutivelmente, mais úteis à terra e ao próprio desporto.

O Paço de Arcos S. C. pratica futebol. Gozou já de certa aura, e uma vez houve em que esteve prestes a ingressar na Divisão de Honra da A. F. L. Vai passada uma boa dúzia de anos.

Seguiu-se depois um período de declínio, ou de crise, comum a todas as colectividades. No momento, as perspectivas tanto financeiras como desportivas não são animadoras. O clube tem tradições, é certo, mas perante uma conteniência benéfica para a terra, não deve repudiá-la idéia da fusão.

Nasceu a seguir, não há ainda meia dúzia de anos, o D. A. P. A. (Desporto Académico de Paço de Arcos); a sua acção nos desportos náuticos, principalmente na natação, fez-se sentir. Mas pouco tempo durou essa actividade notável. A deserção de uns quantos elementos e concomitante desinteresse de outros, relegou a colectividade para um plano modestíssimo. Presentemente, valem-lhe os balões de oxigénio de que falamos atrás.

O Paço de Arcos Hockey Clube é o que está em grande relevo, merecendo uma cuidada orientação imprimida ao «hockey» patinado. Volvidos, porém, que são quatro anos de existência, verifica-se que se, desportivamente tem marcado posição ímpar, financeiramente está quasi no mesmo nível dos outros.

Reunidos num só, seriam, disse estamos certos, uma força poderosa ao serviço da terra. Sob o ponto de vista desportivo, constituiriam um baluarte sólido. Por fenómeno reflexivo, as possibilidades tornar-se-iam mais amplas. E mais do que tudo isto, poderiam ser, turisticamente, o melhor cartão de visita para o Paço de Arcos. Uma agremiação desportiva forte e unida, numa região que há uns poucos de anos se esforça por desenvolver o turismo, serve de cartaz berante, no qual tem de se atentar, tanto dela se falará. Na linha de Cascais, de resto, há um exemplo que não deve esquecer-se e que, até certo ponto, pode servir de estímulo.

É inegável que as condições para uma fusão, não podem ser mais vantajosas. Sendo, vejamos: o Paço de Arcos S. C., possua um esplêndido campo de futebol, já metecor há umas épocas, de escolha do seleccionador nacional, para lá treinar uma turma portuguesa, por ser relvado. No terreno há espaço suficiente, de «volleys», para uma pista de atletismo, e até para um «rink» de patinagem e uma piscina. Portanto, garantia segura de vida.

O D. A. P. A., dispõe da melhor sede, instalada no Casino da vila. O Paço de Arcos Hockey Clube, é que verdadeiramente não dispõe de nada, a não ser dos seus óptimos patinadores. O «rink» que utiliza é pertença de uma sociedade, que se o não vendesse, continuaria a permitir o actual «modus-faciendi», até, possivelmente se construir um «rink» próprio.

Tudo isto junto, todas estas forças agrupadas numa só, que grande clube não daria!... Pois, felizmente, parece que a fusão vai ser um facto. A idéia alastra vertiginosamente, e mesmo os que a combatem cedem terreno, numa demonstração de senso e inteligência que só dignifica.

Antes realizou-se uma Assembléa Geral do D. A. P. A., para ventilar o assunto na generalidade. O ambiente é do mais propício, e como à frente do movimento estão figuras gradas da terra, é lícito aguardar que dentro de muito breve edaquem três clubes pobres e nasça um, pleatório de seta, de mocidade e de força.

A vila de Paço de Arcos nesse dia, passará a ter outra cotação na bolsa desportiva portuguesa!

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

TERRA, LÁGRIMAS E... GOAL!...

O leitor não sorria, porque o lance foi de tragédia: num desafio em Buenos Aires, o jogador José Molina atirou-se para o chão e desesperado morden a terra. Ao fundar, o seu companheiro, defesa esquerdo, ocultou a cabeça nas mãos e chorou convulsivamente.

Tudo por quê? Porque o seu clube sofreu mais um tento... É o que se chama o cúmulo do desespero desportivo!...

O BENFICA

Receberá 200 medalhas quando Germano Magalhães abandonar as práticas desportivas.

O seu bilhete de identidade diz que éle se chama Germano Abílio Tórrés Frazão de Magalhães; é natural de Lourenço Marques e tem 43 anos de idade.

O seu primeiro triunfo data de 22 de Julho de 1911 — tinha ele onze anos — e foi obtido no «rink» do Varieté, em Lourenço Marques.

Conquistou o título de campeão das crianças. Conservou-se invicto até 1918, ano em que veio para Lisboa e, aconselhado por amigos, se dirigiu ao Benfica.

Daí para cá, a história de Germano de Magalhães é um nunca mais acabar de factos sensacionais e notáveis. Enquanto que outros têm recolhido ao esquecimento, por se sentirem velhos, Germano de Magalhães, um belo «jovem» de 43 anos, sente-se perfeitamente em «formas», constituindo, sem favor, um grande exemplo de perseverança, de método e óptima resistência.

Ainda no recente torneio da «Taça de Honra de «hockey» em patins, todos os seus adversários foram unânimes em render elogios, pois colheu-se como um dos mais regulares jogadores da prova, e só por si foi quasi meio grupo do Benfica.

Germano não está «gasto», embora, obvio se tornava salientar, não tenha a «souplesse» dos 20 anos, mas a sua «bagagem», a sua experiência, são factores primaciais, nos quais o magnífico «internacional» se estriba.

Falámos em «internacional». Germano de Magalhães estreou-se em Heye Bay em 1928, no ano em que o «cinco» do Benfica, campeão, representou pela primeira vez Portugal no Campeonato da Europa. Depois, Germano foi sempre indiscutível e considerado um dos melhores patinadores que pisaram os «rink» onde a turma portuguesa se exibiu.

Mas Germano é um eclético. Além do «hockey» patinado em campo — éle prefere o patinado — praticou mais as seguintes modalidades: ciclismo, «box», jogo de pau, «cricket», «tennis», «rugby», atletismo, natação, hipismo e esgrima. Mas porque se dedicou mais ao «hockey», nesta especialidade é que Magalhães tem sido autêntico campeão. Uma das suas outras predilecções, por corolário lógico, é a patinagem artística.

É exímio e tem sido professor de muitos nomes que hoje vemos pelos «rink» a recolher aplausos.

Como treinador de «hockey» Germano também tem larga fôlha: no Rádio Clube Português, no Ateneu Comercial de Lisboa, no Grupo Desportivo Lisgás, no Grupo Dramático e Sportivo de Cascais, Colégio Militar e Instituto Superior Técnico, os seus ensinamentos espalharam-se benéfica e, deles também se aproveitando hoje alguns favoritos do grande público.

Como reflexo duma actividade incansável, Germano de Magalhães tem cuidadosamente guardadas em casa, duzentas medalhas de todas as formas, feitos e significados. Um das certo campeonato de «hockey» em patins ou em campo; outras de corridas em patins, modalidade que aos 11 anos abriu horizontes ao futuro campeão; outras ainda, oferecidas por várias entidades e galardando certas atitudes do popular patinador.

É, afinal, o resumo de vinte e cinco anos consecutivos de praticante desportivo, no continente. De um praticante que tem vivido o desporto por prazer e nunca por interesse.

Germano de Magalhães está, portanto, nas suas bodas de prata desportivas. Convenhamos que é um excelente «récord». Honra um atleta e é orgulho da colectividade a que pertence. Germano foi sempre benfiquense. Um curto período em que esteve ausente do Benfica, em 1921, foi por se dizer que o «hockey» em patins lá acabara.

Citamos de passagem, uma frase de Magalhães: «Como eu era um louco pelo «hockey», não me podia conformar com tal decisão e, portanto, saí



com mais alguns jogadores e fomos fundar o Hockey Clube de Portugal. Diz-nos mais:

— O meu maior desejo é retirar quando tiver 50 anos. Gostava de ser o atleta português que mais tempo ficasse em actividade. E para o Benfica, sei-o, era uma compreensível alegria. Quando abandonar o desporto tentiono oferecer todas as minhas medalhas ao Benfica. São muito minhas, bem sei, mas conquistei-as lutando pela bandeira do Benfica.

«Penso festejar as minhas bodas de prata no próximo ano. Quero arranjar um programa engraçado.

— Quantos «goals» marcou na sua carreira de jogador?

— Não me lembro. Duzentos? É possível que mais, é natural que meen... Que fiz muitos «tentos», isso é verdade!...

É este o Germano de Magalhães, são estes os seus desejos, seus sentimentalismos e sua simpática modestia, pequeno de estatura e grande de energia, que aos 11 anos ganhava uma prova, e que aos 43 ganha ainda e se prepara para vencer uma, muito notável: a da duração até aos 50 anos!...

Oxalá o consiga. Será bom sinal!

DAQUI E DALI...

A painagem desenvolve-se cada vez mais. Custou mas foi... A modalidade está absolutamente lançada. Surgem mais «rink». Em Lisboa projectam-se dois outros. Um na Ajuda. Em Estremoz, no projecto de um estádio, há um «rink». Nas Caldas da Rainha é natural que no próximo ano os veraneantes também já possam patinar.

E assim se progride...

Um grupo numeroso de pugilistas portugueses vai efectuar em Espanha uma série de combates. Agostinho Guedes está nesse número. Se permanecerem por lá bastante tempo é porque cairam em graça do público. Diziam os portugueses antigos que mais vale cair em graça do que ser engraçado... Augusto de Sousa, nos tempos modernos, confirma-o...

Felizmente, Beny Levi não fracturou a mão direita. Sofreu, sim, uma distensão muscular. Nas primeiras impressões, as agências telegráficas exageram sempre, o que é um péssimo hábito... Sobretudo, aquela «Especial»...

A PARTIR DO NÚMERO DE HOJE, «VIDA MUNICIPAL ILUSTRADA» PASSA A VENDER-SE AVULSO AO PREÇO DE ESC. 1\$50.

COMO NASCEU O JORNAL «REPUBLICA»

A redacção, sombria, severa, hoje ainda erguida nos seus esconos pombalinos mas servindo de central da repartição do Refugio Postal, seguia-se, após longo corredor, ampla sala de tipografia. Raúl Brandão, aparentemente desandado, olhava por tudo e não lhe escapava nada: «fui sempre um técnico», nunca fui um jornalista. Assim e tudo, fez o seu nome mais no jornalismo que na tropa — cuja recordação o arrepiava.

No entanto, a figura humana, o homem que tudo consumiu, os restos de saúde que trouxera de São Tomé, os restos de economias e os restos, abundantes restos, de eloquência, foi António José de Almeida, o tribuno entregara-o à malícia cruel, mas sugestiva, transbordante de imagens, do escritor. Na administração, boémia como todas as secções desse género, o jornal dava sempre prejuízo. Foi o sorvedouro das economias de São Tomé, a origem das dívidas que não mais largaram o tribuno. Mas ele, sempre jornalista, até à hora da morte, pensava só na sua *República*. Mandou chamar Raúl Brandão e falou-lhe em sumida voz, a cabeleira branca, o torax deprimido pela longa permanência na cama ou na sua cadeira de gótico, das forças que o animavam, na certeza certa de que, daquela vez sim, o seu nal reapareceria, com a pujança de 1912, dos anos aureos

era a alma nacional. Uma inscrição de Dantas: — «Depois do pão, a instrução é a primeira necessidade do Homem!»

Havia tipos curiosos, tal qual aquele doutor que enxameava nas redacções, tipos de mosquinha morta, e a todos falava do planalto de Benguela, da velha preta com quem vivia e das cabças ócas em que condimentava a farinha de pau. Apresentava projectos famosos para a colonização maciça daquelas vastas terras. Conheceram António José de Almeida em São Tomé e, desde então, aborrecia-o com relatórios grossos como volumes. Finalmente, ao sair *República*, o tribuno entregara-o à malícia cruel, mas sugestiva, transbordante de imagens, do escritor.

Na administração, boémia como todas as secções desse género, o jornal dava sempre prejuízo. Foi o sorvedouro das economias de São Tomé, a origem das dívidas que não mais largaram o tribuno. Mas ele, sempre jornalista, até à hora da morte, pensava só na sua *República*. Mandou chamar Raúl Brandão e falou-lhe em sumida voz, a cabeleira branca, o torax deprimido pela longa permanência na cama ou na sua cadeira de gótico, das forças que o animavam, na certeza certa de que, daquela vez sim, o seu nal reapareceria, com a pujança de 1912, dos anos aureos

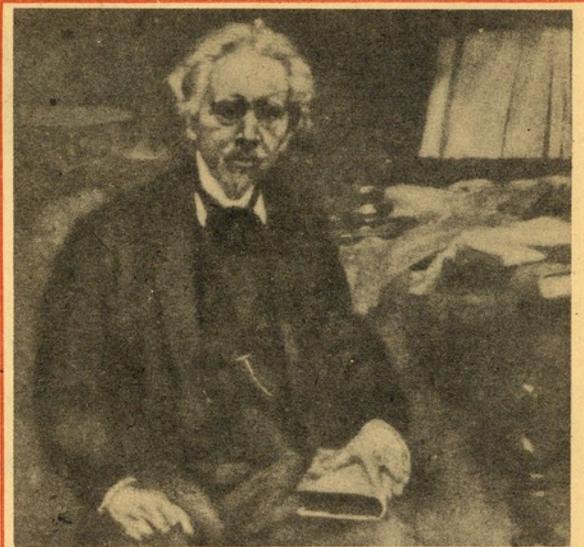
modidade, talento, luta sem ódios, acção sem limitações caturras de velho mesquinho, precocemente pregado às almofadas pelo carinho dos médicos.

Na redacção da *República* cresceu o famoso Custódio das Dores, feito «repórter» célebre depois da fantástica amplitude por ele dada aos acontecimentos de Maio de 1915, percursores de outros mais graves.

Abriadora de literatos, desempregados e boémia de Lisboa, pelas salas e corredores da velha *República* passaram quantos tiveram nome na imprensa do tempo. Até foi seu redactor o Lemos e Nápoles!

CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

O magnífico monumento ao grande tribuno Dr. António José de Almeida, primeiro animador do jornal «República».



Uma confissão doutrínaria de Teófilo Braga

A FIRMAÇÃO de já consubstanciada na perpétua afirmação nacionalista, melhor ártimos ultra-nacional, de toda a sua obra, é a «*Época de Camões*». E, merecendo ainda maior publicidade, é a «*Vida do vate*».

Pois, conforme declarou o nosso colega Luiz Teixeira, presidente do Sindicato dos Jornalistas, o original dessa obra, terminado e destinado a Lisboa, à sua cidade, para maior brilho da edição, foi parar a Ponta Delgada. Ai, perdido entre outros originaes incompletos ou simples apontamentos do universal escritor, terá ganho bolor ou, pelo menos, descolorido o autêntico testamento do Mestre sobre o Epico — obra onde se esclarecem ou suprimem muitos dos erros brotados da rápida elaboração do insigne professor.

Teófilo Braga, realidade permanente no firmamento da inteligência portuguesa e brasileira, convivente de todos os valores da sua e nossa época, merecia a honra de uma edição completa, ordenada e alfabetada das suas obras, dos seus materiais e dos artigos sobre a sua pessoa e as suas singularidades.

RECORDA-SE A MORTE DE MIGUEL BOMBARDA

NAQUELA manhã, a face morena, sugestiva de bondade e inteligência, de Miguel Bombarda, mais do que nunca se contralra. Potente e irradiadora, a República, feita de almas de mulheres portuguesas, tensas e varonis como a Maria da Fonte de Campo de Ourique, era já um acontecimento em marcha. Pertencia-lhe o roteiro da obra. Responsabilidade máxima de uma transformação fundamental. No seu universo popular, ganhara a certeza da vitória. A Nação, unânime, proclamava a extinção de uma fórmula e desejava a rápida adopção de outra.

A fachada dos frades bentos de Santa Clara de Rilha-Foles abriu-se, no seu pequeno jardim fronteiro, em flores outonais, tristes, meio pendentes, eternamente afogadas em ervas ruins, tal como os doentes de espirito abrigados naquela cidadela dos falhos de julho. O professor sentou-se. No cenário já conhecido, a secretária pesada de livros e ementas da escassa dieta permitida, o fiel, um velhote rijo, observou-lhe:

— Senhor doutor-professor... Já com cabelos brancos... Eu que o conheci um rapaz!

— Que quere, fiel! É a vida! Dizem que os médicos alienistas vivem mais e que perdem e recobram a razão em cada sete annos... Ora, vida não me falta; preciso, no entanto, de sossego... Na minha familia todos vivem muito. Coragem! Eu também viverel outro tanto. Preciso, porque o meu rapaz está perdido de todo, e sem uma vigilância severa vai-se ao fundo o que há de bom nêle... Muito trabalhador é, é inteligente, mas sempre aquela maneira de mentir! Vamos ao trabalho... Diga-me o que há na farmácia... Brometos... Brometos... Fraco arsenal para tantas doenças do espirito! Vamos! Senhor fiel...

O velho fiel despachou rapidamente o recitatório farmacológico da época. Bombarda olhou uma vez mais o rosto sorridente do marechal Duque de Saldanha, obra de 1850, aproximadamente, e disse ao funcionário:

— Se há algum doente, que venha... Um entret, o senhor Rebêlo, official afastado do serviço após um curso brilhantissimo, onde se extenuara. Era um doente tranquilo, lucidissimo, sem nenhuma das preocupações ou antecipações que lhe atribuíram. O Gansara-se, porém, com os saís amargos sempre a azedar-lhe a vida. Três tiros soaram; depois, mais dois. Miguel Bombarda apontava-o aos empregados:

— Não lhe façam mal! É um doente. Tratem-no. Levem-me já para o Banco. Está o Gentil. Se chegar a tempo, talvez me salve.

Tinham sobrado ao matador dois balázios, que rolavam agora no tambor do revólver. Num último gesto de desespero, desfechara essas duas vezes e, das duas, tratando-se de balas velhas, pouco usadas, atingira a tela; no ventre, junto à faixa que envolve a figura do Saldanha, da uma vez, na lateral esquerda, da outra.

Lívido, como que escorrido de todo o sangue destinado a correr na senda das revoluções, Miguel Bombarda morrera clamando na sua voz forte de homem do Cadaval:

— Oh! Gentil!... Oh! Gentil!...

Mas era só o sópro da afeição antiga que irmanara os sobrinhos do conselheiro Soares Branco com o rústico píbeu que despertara para a vida ao eco dos quadrados plandos orgulhosamente por D. Maria II de após da Convenção do Botequim e agora ia a repousar enquanto a República, a «sua» República, nascia no radioso Outono de 1910.



HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXIII - a campanha da Rússia

PRENÚNCIOS DE TEMPESTADE

No dia 22 de Junho de 1941, as tropas alemãs penetraram em território soviético dando início à campanha germano-russa que veio, com o decurso do tempo, a constituir um dos episódios capitais do actual conflito. O início da campanha da Rússia foi precedido duma série de actos diplomáticos que revelavam, exuberantemente, as divergências que se tinham suscitado entre as duas potências ligadas pelo pacto de amizade assinado em Moscovo, em 23 de Agosto de 1939, o qual deve considerar-se como o ponto de partida da segunda conflagração mundial.

A ocupação da Roménia pelas tropas alemãs, a qual denunciava o propósito em que se encontrava o Reich de não deixar que os poços petrolíferos de Ploesti passassem para mãos estranhas, não suscitou nenhum protesto oficial dos soviets embora esse acto colocasse as guardas avançadas da Wehrmacht, nos limites da fronteira russa. Quando, porém, a ocupação alemã se estendeu à Bulgária, o governo de Moscovo manifestou publicamente o seu descontentamento enviando a Sofia um dos seus mais categorizados funcionários, o embaixador Sobolev.

A missão de Sobolev, revelada publicamente, consistia em afastar a Bulgária da órbita diplomática da Alemanha invocando a Rússia, para isso, a tradicional amizade russo-bulgara e a identidade de raça existente entre a população dos dois países. A missão de Sobolev malogrrou-se, mas serviu para pôr em evidência a hostilidade com que a U. R. R. S. via os movimentos ameaçadores da máquina militar alemã na zona dos Balcãs, movimentos que se tinham intensificado depois da vitória alcançada contra os exércitos da Jugoslávia e da Grécia.

O caso da Turquia constituía, por outro lado, um sintoma da rivalidade latente entre russos e alemães. A diplomacia turca esforçara-se por conseguir uma garantia soviética de que não seria atacada pela retaguarda, no caso de se ver obrigada a defender-se duma invasão alemã, sempre de recar, dada a necessidade que havia para a estratégia do Reich de alcançar as regiões do Próximo Oriente onde a Grã-Bretanha se abastecia dos carburantes que lhe permitiam continuar a guerra no Mediterrâneo e no Norte de África.

O TRATADO COM A JUGOSLÁVIA

Essa garantia acabara por ser dada, mas a sua efectivação era considerada duvidosa, tanto em Londres, como em Ankara, pois, apesar da luta disfarçada que se vinha desenvolvendo entre a diplomacia russa e a diplomacia alemã, o governo de Moscovo evitava cautelosamente praticar qualquer acto que pudesse ser interpretado em Berlim como uma rotura dos compromissos inscritos no pacto de 23 de Agosto.

Estas dúvidas aumentaram ainda quando a Rússia se recusou a assumir o compromisso de auxiliar a Turquia a defender a região dos Estreitos no caso de se produzir, pela Bulgária, um ataque alemão ao território turco. Ankara tornou-se o centro duma intensa actividade diplomática onde os boatos corriam em número incomparavelmente mais elevado do que as notícias exactas. Os organismos de propaganda alemã encontraram na capital turca um terreno excelente para praticar a guerra de nervos, com êxito incontestável, sob a direcção dum diplomata largamente experimentado, o embaixador Franz Von Papen.

Entretanto, tinha-se produzido um facto que não podia deixar dúvidas quanto às intenções profundas do governo de Moscovo, no caso da penetração alemã na península balcânica. No dia anterior àquêle em que as tropas alemãs entraram em território jugoslavo, 6 de Abril de 1941, a Rússia assinou com aquêle país um tratado de assistência mútua em que, além de se afirmar a identidade racial dos dois povos, aparecia posto em relêvo o entusiasmo com que em Moscovo, no tempo dos soviets como no tempo dos czares, era seguida a causa dos eslavos do sul os quais, no decurso da história, tinham suportado invariavelmente o maior peso da expansão germânica no continente.

As clausulas do tratado deviam considerar-se reveladoras. Mas, tanto como o que êle dizia, o simples facto de o haver assinado no momento preciso em que o Reich se preparava para atacar a Jugoslávia, devia considerar-se como um indício claro de que a Rússia não consentiria que a Alemanha se instalasse definitivamente nos Balcãs sem correr o risco de lhe fazer a guerra.

AS CLAUSULAS DO TRATADO

O acôrdo russo-jugoslavo de 6 de Abril de 1941, continha cinco artigos. Dêses cinco artigos, apenas a análise dos três primeiros interessa para a apreciação fundamentada dos acontecimentos que posteriormente vieram a produzir-se. No artigo primeiro, as duas partes contratantes comprometiam-se a abster-se de qualquer acto de agressão, uma em relação à outra. Cada uma delas se comprometia, igualmente, a respeitar a soberania e a integridade territorial da outra.

O artigo 2.º dizia: «Se qualquer das partes contratantes fôr atacada por uma terceira potência, a outra compromete-se a manter inteiramente a sua política de amizade definida pelo presente acôrdo.» Para os dois países signatários do acôrdo, a única hipótese a encarar era a dum eventual ataque alemão. Que aconteceria no caso de a Alemanha atacar, como efectivamente atacou, a Jugoslávia? A Rússia conservar-se-ia fiel à sua amizade, embora não assumisse o compromisso de a auxiliar militarmente, o que estava naturalmente excluído, dada a distância a que os dois países se encontravam. Esta decisão era manifestamente inconciliável com o espírito e com a letra do pacto germano-russo.

O artigo 3.º fixava em cinco anos a duração do acôrdo, podendo êste ser renovado por mais cinco anos, caso de não ser renunciado com a necessária antecipação por qualquer dos signatários. Tratava-se, portanto, duma medida de emergência que visava fundamentalmente a demonstrar que a Rússia, apesar de ligada à Alemanha pela letra dum acôrdo, não desistia da sua política tradicional na península balcânica e estava mesmo dedicada a correr os riscos duma guerra para que essa política pudesse ser levada até às suas últimas consequências.

SINTOMAS REVELADORES

A assinatura do pacto entre a Rússia e o Japão, realizada uma semana depois da assinatura do pacto com a Jugoslávia, não deixou que êste último fôsse interpretado em tôda a sua verdadeira significação. De facto, a visita do ministro dos Estrangeiros nipónico, Matsuoka, à capital soviética revestia-se duma importância transcendente e relegara para segundo plano todos os actos diplomáticos realizados pela mesma altura.

Ribentrop a caminho de Moscovo, mesmo dentro do avião, consulta o «dossier».



Mas com a assinatura do pacto russo-jugoslavo produziram-se simultaneamente outros episódios reveladores dos sentimentos profundos que predominavam, tanto em Moscovo, como em Berlim. Durante a visita do Príncipe Paulo, da Jugoslávia, a Berchtesgaden, na primeira semana de Março, visita que precedeu a adesão da Jugoslávia ao pacto tripartido, o chanceler do Reich dissera, de maneira categórica, ao Regente jugoslavo, que no decurso daquele ano estalaria uma guerra entre a Alemanha e a Rússia.

A revelação, que se tornou imediatamente conhecida em toda a Europa, foi nessa altura interpretada de várias maneiras. O Príncipe tinha manifestado sempre uma hostilidade clara em relação ao regime comunista e, por isso, não faltou quem considerasse que a declaração do Führer constituía apenas um meio de pressão para o levar a assinar um tratado que colocava o seu país na dependência do Reich, fazendo dele um aliado eventual.

Esta interpretação, perfeitamente verosímil, não podia, porém, aplicar-se a outros episódios que, por essa altura, estavam ocorrendo. O governo do Reich concedera oficialmente a qualidade de cidadãos alemães aos polacos ucranianos que se encontravam no seu território. O «hetman» Skoropadsky, que chefiara o governo ucraniano favorável aos alemães durante a parte final da conflagração de 1914-1918 e que sempre dispusera de grande influência depois do advento do nacional socialismo, embora tivesse sido aparentemente afastado durante o período em que vigorou o pacto de 23 de Agosto, voltou a conhecer uma aura pública notória.

OS SINTOMAS ACUMULAM-SE

O mês de Abril coincidiu com a acumulação dos sintomas reveladores dum estado de tensão crescente entre o Reich e a U. R. S. S.. Em Berlim, com a aquiescência do governo alemão, constituiu-se um governo de refugiados lituanos que tinham conseguido escapar à ocupação russa. Em Moscovo, ao ser recebido pelo vice-comissário dos Negócios Estrangeiros, Vichinsky, na altura em que lhe ia comunicar a entrada das tropas do seu país em território jugoslavo, o ministro ouviu da boca daquele dirigente soviético algumas expressões particularmente duras. «Os senhores, húngaros, disse Vichinsky, encontram-se em condições especiais para avaliarem o que pode vir a acontecer-lhes, pois têm igualmente no seu território um problema agudo de minorias raciais.» O que não podia deixar de ser interpretado como uma ameaça velada e como a certeza de que em Moscovo consideravam a entrada de tropas húngaras em território jugoslavo como um acto de agressão praticado contra a U. R. S. S.

Com esta sucessão de incidentes diplomáticos, de incontestável significação, coincidiam as notícias sobre movimentos de tropas, dum e doutro lado da fronteira germano-soviética, as quais também não podiam deixar grandes dúvidas sobre a extensão dos acontecimentos que se preparavam. Notícias da Polónia diziam que a guarnição da Prússia Oriental fóra, inesperadamente, elevada para quinze divisões, das quais três eram completamente blindadas. Notícias da Sibéria assinalavam o transporte em caminho de ferro de numerosas divisões soviéticas que se dirigiam para ocidente. Os trabalhos de construção da muralha de leste (Ostwall) tinham sido intensificados pela organização Todt, em proporções inesperadas. Não tardaria muito que outros sintomas surgissem para confirmar as suspeições que começavam a acumular-se nas capitais europeias sobre a eminença dum conflito germano-russo.

O CASO DA FINLÂNDIA

Nos últimos dias de Abril, a Europa podia ler as transcrições reveladoras dum artigo da *Pravda* que intencionalmente tinham sido enviadas de Moscovo para o estrangeiro. O órgão soviético, porta voz oficioso do pensamento do Conselho dos Comissários do Povo anunciava com o maior rélevo que no pórtico finlandês de Abo tinham desembarcado, no dia 26, duas divisões motorizadas alemãs e que essas divisões tinham sido imediatamente enviadas para as proximidades da fronteira fino-soviética.

Entre os governos de Berlim e de Helsinquia tinha sido concluído, no começo daquele ano, um acordo pelo qual era autorizada a passagem em trânsito pelo território finlandês de tropas alemãs que iam ou vinham da Noruega. O número de soldados em trânsito num sentido nunca devia, porém, exceder, nos termos do acordo, o número de soldados enviados em sentido contrário. A imprensa finlandesa anunciou que os números publicados pelo *Pravda* tinham sido exagerados, mas o órgão soviético manteve a sua informação inicial acrescentando que nada explicava que os soldados alemães tivessem desembarcado em território finlandês com os seus veículos e transportando artilharia e metralhadoras. «Nestas condições, concluía o jornal russo, não se trata de tropas em trânsito ao abrigo das cláusulas do acordo germano-finlandês.»

Simultaneamente, o Comissário do Povo para o Comércio Externo, Mikoyan, fez publicar um decreto nos termos do qual era expressamente proibido o trânsito, pelo transiberiano, de armas, munições, peças de aviões e máquinas ferramentas. Entre o Reich e o Japão fazia-se um trânsito intenso de todo esse material de guerra desde que aqueles dois países se tinham aliado, assinando o pacto tripartido em Setembro do ano anterior. Esta decisão não podia deixar de ser considerada como um acto pouco amigável em relação ao governo do Reich, pois com o governo de Tóquio assinara a Rússia, apenas alguns dias antes, um tratado de amizade e de não agressão.

UMA PARADA MILITAR

Em seguida à derrota espectacular dos exércitos grego e jugoslavo e da expulsão dos ingleses do continente com o episódio final de Creta, era geral a convicção de que os exércitos alemães não deixariam de invadir a Turquia penetrando até o Próximo Oriente cortando, definitivamente, a rota das Índias e apropriando-se dos jazigos de petróleo do Irak e da Pérsia. Em lugar disso, começaram a correr boatos insistentes de que as relações germano-turcas tinham entrado numa nova fase e que não seria de estranhar que, entre os dois países, a situação de desconfiança recíproca viesse a ser substituída pela celebração dum pacto de amizade.

A invasão da Turquia não se produziu. O dia 1.º de Maio foi celebrado em Moscovo com a realização duma parada militar de extraordinária importância e



Uma fotografia histórica: Ribentrop e Estaline apertam-se as mãos, quando em 1939 assinaram o pacto de amizade russo-alemão.

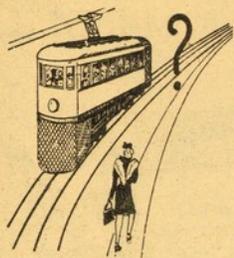
pelo início duma campanha de imprensa em que essa parada e o seu significado apareciam explicados pela necessidade próxima de repelir o ataque de «certos meios imperialistas» que se propunham lançar sobre a Rússia. Embora a potência inimiga não aparecesse claramente indicada, era evidente que os jornais soviéticos aludiam a um ataque eventual do Reich. Nenhum outro país, e sobretudo nenhum outro país especificadamente apontado como tendo propósitos imperialistas, podia invadir a Rússia a não ser a Alemanha.

A parada de 1.º de Maio assistiram os adidos militares dos países estrangeiros acreditados na capital soviética. Entre esses funcionários encontrava-se o adido militar do Reich que, pela sua categoria e pela sua experiência, era considerado como uma das personalidades mais sabedoras, possivelmente mesmo a personalidade mais sabedora, da representação militar estrangeira em Moscovo. Nesta cidade encontrava-se igualmente o embaixador do Reich, conde Von Schulenburg, uma figura de primeiro plano na carreira diplomática alemã. O conde Von Schulenburg, embora não pertencesse ao partido nacional socialista, era um patriota ardente e um perito habilíssimo que pusera invariavelmente os recursos da sua competência profissional ao serviço da causa da pátria. A sua reputação confirmara-se definitivamente no decurso das negociações que se tinham concluído pela assinatura do pacto de 23 de Agosto. O embaixador do Reich conseguira, nessa altura, uma vitória diplomática incontestável sobre os seus competidores francês e britânico, os embaixadores Naggier e Seeds, e sobre as missões especiais da França e a Grã-Bretanha tinham enviado a Moscovo. As personalidades do embaixador e do adido militar do Reich na capital soviética oferecem um interesse especial para a compreensão dos acontecimentos que se produziram nesse período e que vieram a ter o seu desenlace na declaração de guerra do Reich à Rússia.

(Continua)



A campanha da Finlândia forma um capítulo especial nesta guerra. Campo de experiências e de camuflagem dos processos russos de combate, aqui vemos um grupo de soldados finlandeses à procura dos «antén magnéticos» empregados como processo de combate.



INTERVENÇÃO

(Conclusão da pág. 24)

intervem, que faz sofrer e que entornece. Quem vivia com ela, compartilhando do seu interesse e dos seus sentimentos, quer fazendo-a feliz, que toldando-a de tristeza, quem teclava a escala das suas emoções, era ele — só ele!

No meu espírito cessara a batalha e envolvia-o, de momento, o espesso e torturado silêncio das derrotas. Não sentia nada. Toda a minha doentia sensibilidade, à revelação da terrível certeza, como que sofrera uma suspensão, mas eu percebia o que havia de transitório nesta breve neutralidade interior.

No entanto, sabia-me bem este estado e era como se me tivesse desprendido de mim mesmo, como se fosse, apenas, vaça comoreensão, indiferente e alheia, e não carregasse comigo a fatal e horrível faculdade de sofrer.

Continuava com o cigarro entre os lábios e debruçado sobre ela, que, finalmente, aquietara a cabeça na posição anterior. A luz fria dos meus olhos, profundamente calmo, percorria-lhe a linha sinuosa do perfil. E, depois, o quase esquecido apetite de fumar, acometeu-me, de repente, como satisfação de urgência inadiável. Risquei um fósforo. Mas este ruído e o trepidante e luminoso deflagrar, engrandeceram, na sombra e no silêncio do nosso quarto, e acordaram-na de súbito. No primeiro instante, os seus olhos não revelaram senão um sobressalto neutro. Escancararam-se, negros e enormes, mas doeram-se logo da luz próxima e fizeram-se pequenos, semi-cerraram-se. Logo, porém, bem dispersos e afeitos, a cortina das pálpebras rasgou-se-lhes, de novo e elles fixaram-se em mim — mas como num estranho, como num inimigo!

Sim! Sim! A vermelha clarivida-de do fósforo, que eu segurava com mão tremente, vi os seus olhos grandes, inertes, e guardo deles uma impressão inesquecível — que me rói, que me queima... Eram uns olhos desmedidos, fixos, sombrios e ardian neles o desprezo e o ódio — um ódio amargo e violento, onde havia a maldição do destino e a maldição da minha presença. E, de repente, toda ela se ergueu. E fazia médo olhar essa tórva figura, rígida e estranha que tinha a livida aparência de um espectro. E assim, como um sulco profundo e negro a circundar-lhe o horror dos olhos desgrenhada, trágica, a sua voz espancou o hirto silêncio da madrugada: — Vai-te! Vai-te!

... ..
E aqui estou. Fugi, desvairado daquela casa que não era minha — que era o sepulcro de um sonho, onde a loucura vinha, de rasto, avançando na sombra... E o que foi amor e é dor, na minha alma, dentro de algum tempo há-de ser ódio também. Assim o creio, assim o de-sejo...

Por que se cansa esta senhora a subir a calçada a pé, quando por uma importância insignificante a podia subir de ascensor?

Igualmente por pouco dinheiro toda a gente pode ter os seus fatos velhos com o aspecto de novos, desinfectados, sem nódoas, sem mau cheiro e sem lustro.

Use o CASULO LIMPA FATOS, composto químico de seis substâncias diferentes, inofensivas, que limpa e conserva os tecidos.

Cada pacote custa apenas 2\$00 e dá para um litro de soluto. Em todas as drogarías do País.

REVENDA
RUA DA MA-
LENA, 128, 2.^o
LISBOA



VIDA MUNDIAL ACONSELHA

MÚSICA DE CONCERTO

Oiça no sábado, 20 do corrente, às 19,30, na E. N. o Sherzo da fantasia de concerto «Sonho de uma noite de verão», de Mendelssohn, orquestra filarmónica de Nova York dirigida por Toscanini e «Casse noisette» música do bailado de Tchaikowsky, orquestra dirigida por Oscar Friend.

UMA REVISTA

«A Feira» no Teatro Avenida. Uma revista género «ferie» onde a montagem luxuosa, os cenários vistosos, são a melhor nota de bom gosto dentro das nossas últimas revistas. Dois bons números de Laura Alves e Carmencita Aubert.

UM DESAFIO

O Benfica—Belenenses no campo do Benfica. Apesar do campeonato ganho, o Belenenses há-de querer mostrar, mais uma vez, que mesmo fora do seu campo ainda pode bater o seu rival. Um desafio onde deve haver bom futebol.

UM LIVRO

Dos livros últimamente apresentados ao público, deve destacar-se pelo seu especial e profundo interesse para todas as espécies de leitores «O Senhor Ventura», de Miguel Torga. Trata-se de uma obra de vigoroso dramatismo e significação humana representando para os leitores uma fonte de observações psicológicas e literárias de excepcional quilate. Miguel Torga é, entre os mais modernos escritores portugueses, uma personalidade original e forte cuja obra deve ser conhecida e compreendida no seu justo valor: e «O Senhor Ventura» constitue, sem dúvida, uma das suas melhores criações de prosalor e de costista.

UM FILME

Primavera nas Montanhas, pela beleza deslumbrante das paisagens do Lake Louise, onde decorre a acção, valorizada pelo technicolor; pela presença de Betty Grable, favorita das nossas plateias; pela intervenção pitoresca de Carmen Miranda, que canta em português. Filme sem nada que o distinga de outros do mesmo género — constitui, apesar de tudo, um agradável divertimento. E por isso, se recommenda.

TRÊS EDIÇÕES DE "VIDA MUNDIAL" TRÊS ÊXITOS!

OS 295 DIAS QUE ABALARAM A FRANÇA
Por ACURCIO PEREIRA

Preço: Esc. 12\$50

A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

Por RAFAEL MARÇAL

Preço: Esc. 5\$00

A ESFERA MISTERIOSA

Romance policial de
MAX FELTON

Preço: Esc. 8\$00

A VENDA EM TODAS AS
LIVRARIAS E TABACARIAS



CONDIÇÕES DE ASSINATURA
A PARTIR DE
18 DE NOVEMBRO DE 1943

Continente e Ilhas

3 meses.....	19\$00
6 meses.....	34\$00
12 meses.....	68\$00

África Portuguesa

12 meses.....	80\$00
---------------	--------

Estrangeiro c/ conversão

6 meses.....	35\$00
12 meses.....	86\$00

Estrangeiro s/ conversão

6 meses.....	49\$00
12 meses.....	98\$00

LUCINDA & INEZ, L.^{DA}

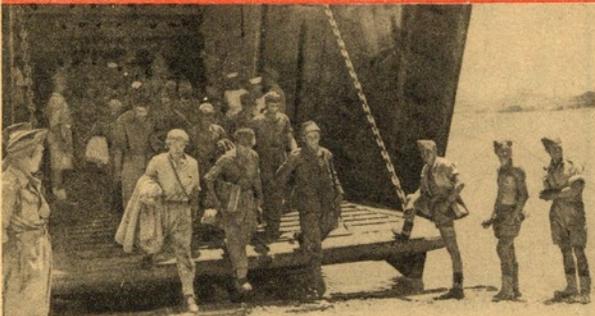
ALTA-COSTURA

Visitem os nossos Ateliers onde estão expostas as últimas criações de

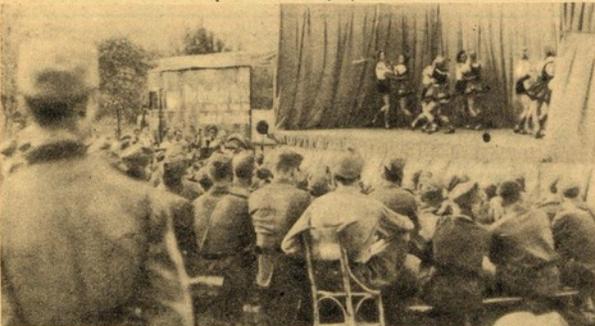
VESTIDOS,
CHAPEUS,
LINGERIES
E PELES.

Rua de D. Estefânia, 117, 1.^o

NOTAS DE GUERRA



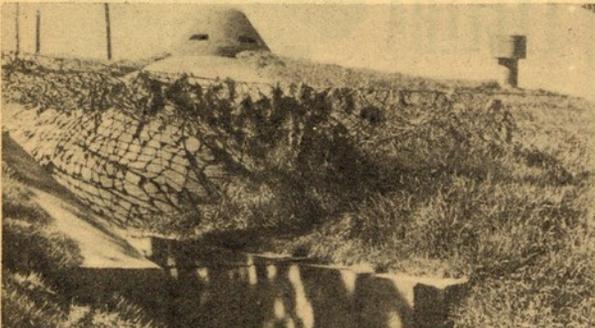
Na Itália, a luta não oferece de momento aquêl ar de sensacionalismo das primeiras semanas: as operações decorrem dentro de condições difíceis para o invasor que, todavia, avança sempre, fazendo milhares de prisioneiros alemães. Aqui damos um desembarque de «nazis», capturados em Itália e levados depois para o norte de África.



Nem só de pão vive o homem... nem de luta. Também é preciso alegrar o espírito. Na frente Leste, a guerra atinge tôdas as expressões de dor e energia. É preciso vencer ou ser vencido com perdas para o inimigo. Nas horas de repouso, os soldados alemães precisam de se distrair. Por isso, os artistas de rádio, de teatro e de cinema armam palcos ao ar livre e organizam espectáculos.

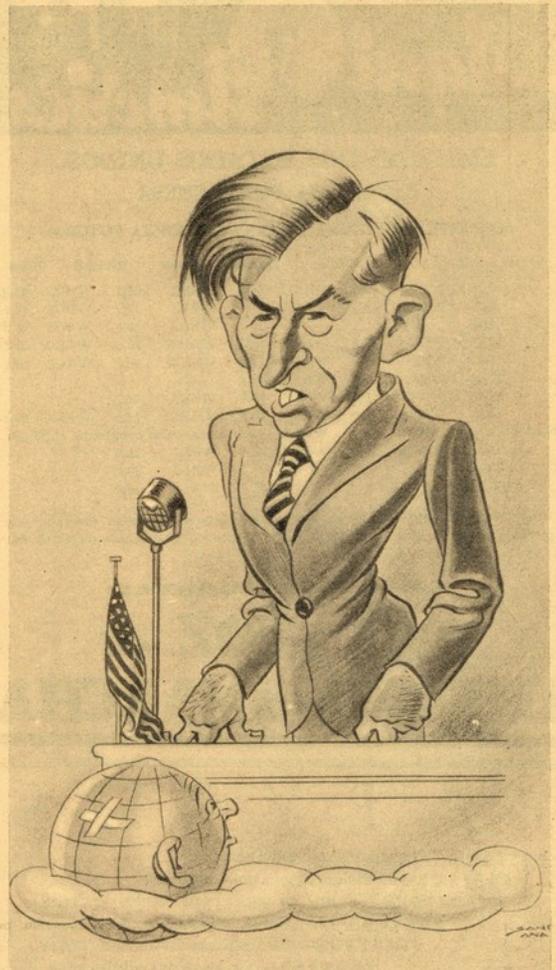


Raparigas de uniforme — poderemos chamar a este grupo de jovens combatentes inglesas. Fazem parte de uma bataria anti-aérea mista, estabelecida no norte de África e acabam de ser rendidas, pelo que se retiram do seu posto. Vendo-as, ninguém será capaz de dizer que não são meta dúzia de garbosas combatentes...



Este conflito veste a terra de bizarras atitudes, como esta que nos é dada pela defesa alemã sobre as costas do Atlântico. O Reich espera um golpe decisivo em qualquer parte da costa e refugia-se, portanto, dentro das defesas naturais, umas vezes; dentro de construções em cimento armado, com raízes bem fundas na terra — como nesta foto — e que são empregadas contra os ataques que venham pela ar ou possivelmente pelo mar.

FIGURA DA VIDA MUNDIAL



HENRY WALLACE — Um lugar nesta página, para o vice-presidente da República dos Estados Unidos que é, ao mesmo tempo, presidente do Senado. Fala-se pouco d'êlê — e, entretanto, como tem sido eficiente, constante e entusiástica a sua colaboração na condução da política e da guerra actual. Defensor da aproximação anglo-americana, foi êle um dos melhores agentes dessa aproximação. E Roosevelt sabe tão bem quanto é magnífica a sua intervenção nos negócios de Estado, que jamais lhe negou aplausos públicos. Henry Wallace, de resto, como bom cidadão americano que é — não se preocupa demasiado com a ostentação do seu alto cargo. Depois de cumprir deveres de vice-presidente, o seu melhor empenho vai para uma partida de Tennis, ganha briosamente a um valente adversário...

(Caricatura de SANTANA)



**EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA**

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas		
7,45	WKTS	49,0	WRUL	38,4	WKLJ	39,7	WBOS	48,9
8,45	WKTS	49,0			WKLJ	39,7	WBOS	48,9
9,45					WKLJ	30,8	WBOS	25,3
12,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WRUW	25,6	WGEO	19,6
13,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WRUW	16,9	WRUL	19,5
17,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8				
18,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WGEA	25,3		
19,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WGEO	31,5	WKLJ	30,8
20,45 a 21,15	WRUA	39,6	WRUS	31,4	(meia hora programa especial)			
21,45	WRUA	39,6	WRUS	31,4	WKLJ	30,8		
22,45					WKLJ	30,8		
23,45					WKLJ	30,8		

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 18,45 às 19 horas na frequência de 48,43 m., 41,96 m., 31,41 m. e 25,09 m.

EMISSÕES DIÁRIAS

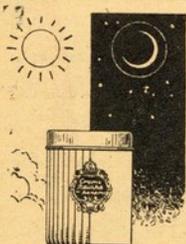
**OIÇA a VOZ da
AMÉRICA em MARCHA**

PAPYRUS

- PAPYRUS — O melhor papel para escrever
- PAPYRUS — O melhor papel para imprimir
- PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito
- PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.
- PAPYRUS — Os melhores livros comerciais
- PAPYRUS — Os melhores sobrescritos
- PAPYRUS — O melhor papel para cartas



A venda nas Papelerias e Tipografias
Depósito geral:
Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)
Rua dos Correios, 70
LISBOA
End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854



DIA E NOITE...
Os inegaláveis cremes de beleza
Rainha da Hungria
velarão pela Mocidade da sua pele
Elogios... para quê?
Basta dizer que são produtos
M. ME CAMPOS



ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
LISBOA — RIO DE JANEIRO



FIXADOR
Clipper

Conserva os cabelos bem penteados e brilhantes,
todo o dia, e não tem gordura

BOIÃO — 12\$00

— A VENDA NAS BOAS CASAS —

UMA GOTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (úmido ou seco), crostas, feridas, arupções, ardências na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

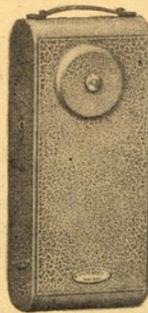
A venda em todas as farmácias e drogarias

Preço avulso: 11\$00



UM GRAMOFONE

com o aspecto,
o tamanho e o peso
duma máquina fotográfica
NOVO MODELO

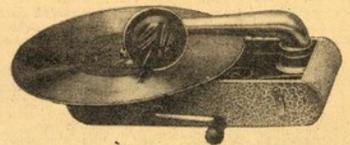


EXCelda

Motor seguro
Diafragma do último modelo
Sonoridade potente

Tudo condensado no

EXCelda



OIÇA-O NOS

Est. VALENTIM DE CARVALHO

R. NOVA DO ALMADA, 97

Visado pela Comissão de Censura ♦ Composição e impressão:

Bertrand (Irmãos), L.ª — Telef. P. B. X. 21227-21368 — Lisboa

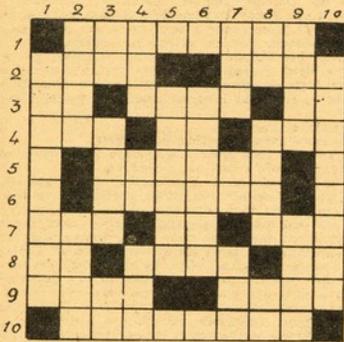
PASSATEMPO

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 2



HORIZONTAIS: 1 — País europeu que graças ao grande talento e pulso firme de um estadista maravilhoso, progride e se conserva neutral. 2 — Pequena inchação, na testa ou na cabeça, resultante de pancada (pap.); falso (inv.). 3 — Nome antigo da nota musical dó; estreitas; comparecer. 4 — Contração da preposição e do artigo (pl.); outra coisa; caixa rectangular de folha ou madeira, com tampa convexa. 5 — Equipara. 6 — Domínio. 7 — Governanta; êrmo; antiga forma de oul (pal. fr.). 8 — Abreviatura de nada ou não; lódo; batrácio aquático. 9 — Condescendi; normas. 10 — Desviara.

VERTICAIS: 1 — Rio que sai das lagoas de Ruidera, na serra de Alcaraz, na Espanha, e banha, em Portugal, Mértola, Castro Marim e Vila Real de Santo António. 2 — Idiota (chul.); cunhada. 3 — Parte em que se amuram as velas do navio (inv.); cura; interjeição designativa de estrepito de desmoroamento (inv.). 4 — Gaste; culpada; chegar. 5 — Rio de Inglaterra. 6 — Bárbaros da Sarmácia, que dominaram por algum tempo na Península. 7 — Qualquer fluido aeriforme; prefixo designativo de repetição; fileira. 8 — Aparência; cor de outro desmaiado; aliás. 9 — Compreenda; transitaria. 10 — Cidade da Bélgica.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 1

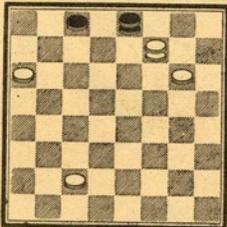
HORIZONTAIS: 1 — Sena; Roma. 2 — Os; liai; al. 3 — Berços. 4 — Aves; sota. 5 — Ir; Pó; me. 6 — Al; áu; al. 7 — Asir; iras. 8 — Morosa. 9 — Sé; tens; ir. 10 — Erva; ornas.

VERTICAIS: 1 — Sola; ass. 2 — És; vias; er. 3 — Berlín. 4 — Ales; rota. 5 — Ir; pá; re. 6 — A. C; os; ou. 7 — Rios; isso. 8 — Somara. 9 — Má; tela; in. 10 — Alia; sara.

DAMAS

FINAL DE JOGO N.º 1

Por Francisco Henriques — Almeirim



Jogam as brancas e ganham

ESPAÑHA — 1943

1.º Campeonato Regional Canário

Até 27 de Outubro p. p., a classificação dos concorrentes a este campeonato era a seguinte:

1.º — Carlos Machin e Mamerto Rodrigues, 7 ½ pontos.

2.º — Augustin Silva e Eutiquiano Hernández, 7 pontos.

3.º — Dr. Carlos RR. Lafora, 5 ½ pontos.

4.º — Eugénio Tórres, 5 pontos.

5.º — Sinforiano Casañas, 4 ½ pontos.

6.º — J. M. Armas, Navarro e J. R. Puig, 3 ½ pontos.

7.º — A. Lopez, 3 pontos.

8.º — Ramón Rodriguez, 2 ½ pontos.

No próximo número publicaremos um jogo realizado entre os srs. Carlos Machin e Rodriguez, a contar para o 1.º.

ACADEMIA NACIONAL DAS «DAMAS»

Tôda a correspondência relativa à A. N. D. deverá ser dirigida a Augusto Teixeira Marques, Rua Marques de Sá da Bandeira, 108, 3.º — Lisboa.

Solução do problema n.º 1

17-13 18-22 2-6
8-17 26-19 17-26

XADREZ

PARTIDA N.º 1

Londres — 1943

Defesa Francesa

Brancas
(G. A. Thomas)

P 4 R
D 2 R
P 3 C R
P 3 D
A 2 C
C 3 A R
O — O
C x C
P 4 D
P 4 A D
P 5 D
C 3 A
P 5 R
T 1 R
P A x P
P 4 T D
A 4 A
T D I D
D 4 C
A 5 C
P 4 T x P
T 1 A R
T x C
D 3 A
P x P a p.

Pretas
(L. Klugmann)

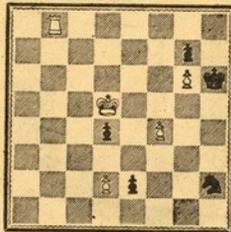
P 3 R
C 2 R
P 3 C D
A 2 C
C 1 - 3 A D
C 3 C
C R 4 R
C x C
C 3 C
P 4 A D
P 4 T R
P 5 T
D 1 C
P T x P
P 3 T
C 2 R
C 4 A
C 5 D
D 2 T
P 4 C
P T x P
D 1 O
P x T
P 4 A
Abandonaram

(AJEDREZ ESPAÑOL)

FINAL N.º 1

Por W. Y. M. Platoff

Pretas



Brancas

Jogam as brancas e empatam.

Solução do Estudo n.º 1

1. a 4. R b 2; 2 a 5. R c 3; 3. a 6. R d 2; 4. a 7. f 2 empate. (Se 3. R g 3. R d 4; 4 a 6) (ou 4. R x f 3. R e 5; 5. a 6. R b 6) 4... R e 3; 5. a 7 — f 2 empate.

CHARADAS

PARAGÓNICAS

1 — Criança até quando amarás a tua infância? — 2, 3.

SOBRIGAITA (Pôrto)

2 — Tudo se paga na Vidat — 2, 3.

ÉDIPPO (LISBOA)

3 — Incomoda ver a maledicência. — 2, 3.

FERNAMBELO (Condeixa)

APOCAPADAS

4 — O ser muito rico, em certos casos, não nos serve de nada. — 2, 1.

FÓSQUINHA (Lisboa)

5 — É variável a noção que cada um tem quanto a consciência. — 3, 2.

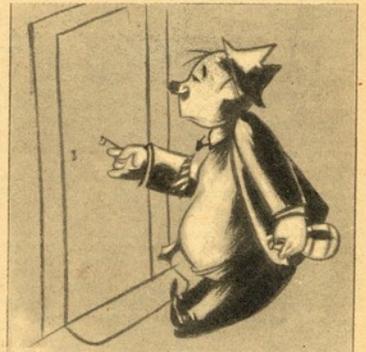
MISS SPORTING (Lisboa)

6 — O tráfico da honra não enriquece quem o promove. — 5, 4.

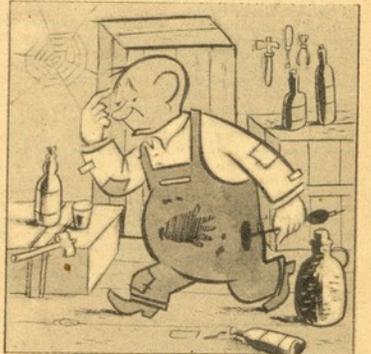
VENTURA
ENGENHOSSO...
POR ZÉCO



— Era o vinho, meu Deus...



— Então que é lá isso!... Não há maneira de acertar com o buraco da fechadura?!...



— Tenho de encontrar uma solução para evitar estes precalços!...



— Ei-lá!... Agora nem que eu venha de gatas...

«INTERVENÇÃO»

NOVELA DE VICTOR COLAÇO — DESENHO DE RUDY

E agora? Sim, digam-me: e agora?
Eu não volto mais a casa. Não posso! Sinto-me lá como um estranho, como um intruso, como um usurpador. Leio hostilidade em tudo: no ambiente, nas coisas, — nela! Sei que tudo sufoca um ódio surdo pela minha presença e que tudo desejaria gritar-me:

— «Sal daqui! Este lar não é teu e esta mulher não te pertence!».

Certo e horrroso: a minha mulher não me per-luce! Tenho de reconhecê-lo, agora, porque já não posso lutar mais contra a minha compreensão e sufocá-la, porque já me não é possível esconder, de mim próprio, a evidência monstruosa do facto. Simplemente, odeio a minha sensibilidade, que é como uma lente poderosa, aplicada sobre os meus sentimentos e os amplia, e os engrandece como coisas desproporcionadas. Que felicidade suprema deve ser não sentir! Passarem os dias e os anos, passar a vida e gozar a insensibilidade feliz e imóvel duma pedra! Não desejo! Não quero! Não ser senão quieto presença. Mas assim...

Oh! Nem eu sei como isto começou!
Qualquer coisa de que não sou capaz de falar, que não tem descrição possível, insinuou-se em mim, sobrepontaneamente. Uma dúvida? Um receio? E por quê? As carícias dela — os beijos e os seus sorrisos — não seriam já como eram dantes?

Não eram. Mas por quê? Não sei! Só posso dizer que senti uma diferença. Onde? Como? Sem!

Era o regresso d'ele, era a desfora do morto, que eu não lograra vencer, era o que surgia, vingador e cruel, da névoa dolorosa duma imensa saúde.

Porque ela estava de luto, quando eu a conheci — um luto carregado e cheio de dor — por alguém que desaparecera, súbitamente, no irremediável dum desastre. E eu lutei contra o seu desgosto, lutei contra o morto e as minhas palavras e o meu amor foram um bálsamo, um entorpecente, uma espécie de anestésico consolador e suave... Mas só isto. Não o vencí, não dominei a sua recordação — toldei-a. As minhas palavras de encantamento e de entusiasmo sobrepujaram-se às d'ele, caladas na memória, e o meu amor quis sufocar a saúde sem limites que o seu amor deixara.

Quis! Tentou! Pensámos ambos que isso aconteceria — eu, porque amava; ela, porque olhou a vida e quis vivê-la, cativá-la de novo... — e o duplo equívoco levou-nos ao casamento.

E, então, começou a tortura, o labor diabólico da minha sensibilidade.

Desde o primeiro dia, surpreendeu-me nela uma espécie de frieza, uma inesperada carencia de entusiasmo, uma calma e precisa objectividade, nada concordes com o nervosismo arroubado que me parecia lógico esperar. E, de vez em quando, caía em suspensões e alheava-se, com sombras de preocupação ou de angústia nas pupilas inquietas.

Eu queria serenar-me, calar as vozes que me sopravam no sangue, um hálito de gelo, e repelia, para mim, que estava tudo o muito bem, que a emoção, afinal, se não exteriorizava; em todas as pessoas, segundo formas invariáveis e fixas.

E depois, era justa, a apreensão dela, que acabava de alterar completamente a vida. Não era? Neste leilão de venturas e de infortúnios, que sabemos nós do nosso destino e que jubilosos confiança podemos pôr nos nossos passos?

Era, pois, natural... Quero dizer, não era! Não há no amor esta fria ponderação — há só entusiasmo, só fogo, só delírio! E a alfinetada deixou-me o coração a doer.

Meu Deus! E em que estaria ela pensando, quando as suas pupilas negras, profundas, se fitavam em mim, preocupadas e inquietas? Em quê? E compreendi que me comparava com o outro. No filme da sua vida, eu tinha substituído o protagonista que ela escolhera, arreado pela morte, e a representação dela, neste palco grandioso e triste, perdera com isso a natural sinceridade. Eis tudo! Não foi comigo que ela sonhou viver esta vida.

Durante muito tempo, com a diferente veemência do primeiro amor, ardera-lhe, no sangue e nos sentidos, um devaneio muito doce, muito querido, e eu lá agora, nos seus olhos toldados, que uma desapontada amargura lhe doía por dentro. No desejo de furtar-se à solidão, ao negrume doentio do longo desgosto, acreditou que eu seria o esteio salvador e quis emergir, pelo meu braço, do ambiente de lágrimas em que se afogava a sua mocidade.

Viver a vida! Enché-la de novas emoções e de novas esperanças! Ser feliz! Mas, do mistério e da distância que separa os mortos dos vivos, ele gritou, de repente, a sua absurda e dolorosa presença — e os olhos dela tiveram, para mim, a desorbitada fixidez dum espanto: — «O que é que fazes aqui? Este lugar não te pertence!».

E começou a tortura da reserva, da hesitação, da ausência... E começou o trabalho fustoso da minha perceptividade, o amotar doloroso de evidências minúsculas, o desejo tremendo de espreitar a sua alma, a recosa necessidade de traduzir o código fechado em que ela cerrava o seu mundo interior.

As vezes, de repente, ela fazia-me perguntas inesperadas, relacionadas com o nosso amor, e demorava, sobre as minhas respostas, um longo silêncio.

E, nesse silêncio, eu comecei a adivinhar um trabalho de apreciação e de cotejo. Comparava-me com o outro. Outras vezes, submetia-me a provas de paciência, contrariava-me, e espreitava-me depois as reacções, considerando-as pensativamente. Comparava-me ainda! A presença do outro interpunha-se entre nós dois, cada vez mais viva, cada vez mais real, quasi materializada. O outro! O outro!

E o prestígio da saúde embelezava-o, engrandecia-o, e eu sentia que ele passava por cima da minha influência com os seus passos de fantasma dominador.

Entretanto, o meu espírito, o mesmo que soubera descortinar os mínimos sintomas da minha infelicidade, arquitectava o meu consólio:

— «Estás, como o D. Quixote, a pôr exércitos adiante da tua lança. E um raciocínio optimista, risonho, carregava a minha alma para fora do abismo, refrescando-a momentaneamente numa aura de esperança. Mas, logo depois, magoado pela fina agulha da dúvida, adoeceia este optimismo. E a luta, incessante, repetia-se e continuava, sem vitória nem

derrota, e era cada vez mais absorvente e mais violenta.

Eu queria ter uma certeza, mas temia essa certeza — e andava com a minha dor neste balaço infeliz. Até que hoje...

Meu Deus! Que misteriosa coincidência fez que eu acordasse esta noite e àquela hora, precisamente àquela hora?

Um lento mal-estar viera progredindo em mim, durante o sono, até que comecei a ter d'ele uma incomodada e vaga consciência que acabou por despertar-me.

Eram cinco horas da manhã. Pela fresta da janela, penetravam, no quarto, uns lívidos alvores do lento deubar do dia e soava, lá fora, de vez em quando, a sonora tropeçada dalgum operário a caminho do trabalho.

Abri os olhos e fiquei quieto, contrariado, fitando-os na parede. Depois, volvi-me, devagar, e olhei-a a ela. Estava levemente inclinada para mim, e com o peito a descoberto, semi-nú, e um braço moreno a destacar do azul celeste da coberta.

Aspirei por um momento o odor delicioso que se evoluía dela e senti na carne, profundamente, o clamor forte do desejo. Mas então via-a entreabrir os lábios, sorrindo brandamente, e perguntei, baixinho:

— Estás acordada?

Não respondeu e continuou a sorrir.

Soergui-me, com cautela, apoiando no travesseiro o braço dobrado e pus-me a observá-la:

Sobre o fundo negro dos cabelos desmanchados, o seu perfil desenhava-se nítido, perfeito, e em todo êle transparecia uma estranha e viva felicidade.

De vez em quando, parecia agitar-se num breve tremor, como sucede no sono das crianças, e o seu sorriso tornava-se mais nítido, acentuava-se. Embevecido no seu repouso feliz, na satisfação deslumbrada que se reflectia no seu rosto moreno, demorei-me a olhá-la e preparava-me para acender um cigarro quando ela se mexeu. Agitou-se toda, mas sem, contudo, despertar, recolhendo o braço que, certamente, lhe arrefecera e, então, nitidamente, ainda que com voz entrecortada e diversa, ouvi-a pronunciar o nome d'ele. — o nome do morto! Ela sonhava com êle! E era d'esse sonho, do misterioso convívio dos seus espíritos que lhe vinha aquela felicidade que a inundava toda e que transparecia no êxtase do seu rosto. Eu era ali alheio. Se aparecera no sonho dela, fora com certeza na confusa forma da névula que ensombra o horizonte, na dificuldade que enreda os passos, no sucesso pávido que cerceia o doce devaneio do espírito. Eu era o pesadelo — no sono e na vigília dela; e, êle, os sentimentos vivos, o amor e a lágrima, a recordação que sobrevive à morte e que acompanha, que

(Continua na pág. 20)



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDAÇÃO E ADMINIST.: R. DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA — TEL. P. B. X. — 2.5844